

SOMNIUM

101
ANO 22

Publicação Oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica



EDITORIAL

Depois de uma não tão breve pausa, o Somnium volta reformulado. Esta é nossa primeira edição totalmente virtual, distribuída exclusivamente pela Rede, marcando a consolidação do processo de transportar o Clube de forma definitiva para o mundo on-line.

Demorou, mas foram meses de trabalho intenso para recuperar o site e ao mesmo tempo poder oferecer o melhor possível no Somnium em sua nova fase. Um momento em que gerações se encontram, que se reflete também nos textos do e-zine, dividido entre pessoas ilustres do nosso fandom e pessoas novas.

Uma grande novidade é o dossiê especial, que nesse número vai tratar sobre um evento marcante desse ano, a Mesa Redonda 'Novos Rumos da Ficção Científica Brasileira', realizada pela Livraria Cultura. Reunindo pessoas e visões diferentes para um público interessado e participativo, essa mesa mostra que quando se há vontade, as coisas acontecem.

Esta edição é uma homenagem a
Arthur C. Clarke. (1917-2008)

ÍNDICE

Conto	Homo Habilis	Max Mallmann
Conto	A Lagoa	Ana Cristina Luz
Artigo	A Guerra que o Paraguai Venceu	Rodolfo Londero
Conto	O Lamento de Suas Mulheres	Carlos Orsi
Resenha	'A Fantástica Viagem de Augusto Emílio Zaluar', Edgar Smaniotto	Ana Cristina Rodrigues
Conto	Estação 607	Marco Bourguignon
Resenha	'Véu da Verdade', J. M. Beraldo	Fernando S. Trevisan
Conto	As Duas Faces da Sorte	Alexandre Lancaster
Homenagem	Arthur C. Clarke	Ana Cristina Rodrigues, Lúcio Manfredi e Wellington Amorim

DOSSIÊ ESPECIAL: OS NOVOS RUMOS DA FCB

Conto	Filamentos Iridescentes, como numa chuva de néon	Tibor Moricz
Conto	Colecionadora de Homens	Jurandir Presença
Ping-Pong	Alexandre Soares, Clinton Davisson, Tibor Moricz	
Mesa Redonda	Novos Rumos da FCB - Horácio Corral e outros	

EXPEDIENTE

Editora-chefe:

Ana Cristina Rodrigues

Editor-colaborador:

Gabriel Boz

Diagramação:

Fernando S. Trevisan

Colaboradores:

Alexandre Lancaster
Ana Cristina Luz
Ana Cristina Rodrigues
Carlos Orsi
Fernando S. Trevisan
Horácio Corral
Jurandir Presença
Lúcio Manfredi
Marco Bourguignon
Max Mallmann
Tibor Moricz
Wellington Amorim

Com depoimentos de:

Clinton Davisson
Cristina Laisaitis
Fábio Fernandes
Gerson Lodi Ribeiro
Hugo Vera
Marcello Simão Branco
Richard Diegues
Roberto Causo

Capa:

Gabriel Boz sobre arte de [Martin Johnson Heade \(1819-1904\)](#)

Participar:

Mande seu material para somnium@clfcbr.org

Homo Habilis

Max Mallmann

"Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, dando fim à horda patriarcal. (...) O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força. A refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição, e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião." - Sigmund Freud, *Totem e Tabu*

Quando, no meio da noite, o mais velho dos irmãos se aproximou do grande pai morto, teve uma epifania.

Tudo que era macio ou apetitoso no cadáver já tinha sido arrancado pelos dentes dos outros irmãos. As hienas e os abutres haviam brigado pelas tripas. As costelas luziam nuas ao luar. Mas a cabeça continuava intacta. O patriarca morrera de boca escancarada e olhos abertos. E foi numa enorme íris vítrea e aterrorizada que o mais velho dos irmãos enxergou pela primeira vez o próprio rosto.

Era um reflexo distorcido, meio à contraluz, com a Lua ao fundo. O mais velho, que os outros chamavam de Feio, elaborou uma hipótese: existia um homenzinho dentro do olho do grande pai. Feio estendeu a mão para tocar no homenzinho, e o homenzinho também estendeu a mão. Uma hipótese mais audaciosa começou a se formar no cérebro inquieto de Feio. Para comprová-la, levou a mão ao próprio rosto. O homenzinho copiou o gesto. Feio arreganhou a boca, mostrando os dentes. O homenzinho fez a mesma coisa. Feio exibiu todas as miquices que lhe ocorreram, e a todas o homenzinho imitou. A hipótese audaciosa se mostrara correta: era ele o homenzinho. E os olhos do grande pai morto para sempre seguir-lhe-iam os passos.

A epifania de Feio foi a constatação de que ele, apesar de feio, era quase idêntico a seus companheiros de bando. A mesma queixada proeminente, a mesma testa curta, os mesmos pelos eriçados. Igual a seus irmãos. Igual não, se corrigiu. Seu olhar era mais inteligente. Admirando-se ainda, Feio descansou o cotovelo direito na mão esquerda, e apoiou a cabeça no polegar e no indicador da mão direita.

Foi a primeira criatura humana a fazer pose de intelectual.

Max Mallmann é gaúcho residente no Rio de Janeiro. Autor diversas vezes premiado, é roteirista da Rede Globo de Televisão. Atualmente prepara o roteiro do filme baseado em seu romance 'Zigurate'. E por incrível que pareça, é a sua estréia no Somnium como contista.

A Lagoa

Ana Cristina Luz

A cerimónia do lançamento do livro teria início daí a pouco mais de meia hora e ela acabara de chegar à conclusão de que estava perdida. Pensando que chegaria mais rapidamente à Figueira da Foz, atalhando por estradas secundárias que atravessavam uma zona de pinhal que julgava conhecer como a palma da sua mão, não hesitara. Aventurara-se sozinha por caminhos não muito frequentados, num final de tarde de Inverno que se transformava rapidamente em noite. Efectivamente, desde que deixara a última povoação, não se cruzara com uma única viatura.

Aumentou o som do rádio para se abstrair da apreensão que começava a sentir, à medida que se ia embrenhando por estradas que, de familiares lhe passaram, de repente, a completamente desconhecidas. Julgava ela que talvez fosse devido a uma distracção algures, num cruzamento mais atrás. Havia algo de assustador naquela sensação de não estar a reconhecer uma curva, um caminho, um pedaço de alcatrão numa estrada que costumava percorrer com alguma regularidade, por se tratar de uma zona onde passava férias com alguma frequência.

Olhou para o relógio e reparou, incrédula, que já haviam decorrido quinze minutos desde que aumentara o som do rádio e se entregara, sem que se tivesse apercebido, a pensamentos que a levaram a uma viagem ao passado.

Lembrou-se da tabuleta que vira de relance alguns quilómetros atrás, com a indicação da lagoa, local que lhe trazia sempre muitas recordações. Crescera com a imagem da figura sinistra do carteiro, vestido de negro, apesar da obrigação do uso da farda respectiva, em memória do filho desaparecido naquelas águas traiçoeiras. Nunca lhe conhecera um sorriso, nunca lhe vira um brilho no olhar, nunca lhe escutara uma expressão de alegria. Apenas falava o estritamente necessário enquanto cumpria a sua função, entregando cartas, telegramas ou encomendas na casa dos seus pais.

Segundo ouvira contar, o filho juntara-se num dia de Verão a um grupo de amigos que tinham decidido ir até à lagoa para ali passarem o dia. Luís, assim se chamava o filho do carteiro, tinha sido o responsável pela escolha do lugar, pois o mar assustava-o. Dizia ele que ali, naquele local, se sentia mais à vontade nas águas quase paradas, dando-lhe mesmo uma sensação de segurança que raramente conseguia sentir em

praia alguma.

Passaram o dia a atravessar a extensão de água ao despique, interrompendo apenas para um curto descanso, em que aproveitavam para ir fazendo desaparecer o lanche que tinham levado.

Mas na última travessia em que, segundo combinaram, quem ganhasse seria declarado o vencedor do dia, algo correu mal, e Luís não chegou à margem, desaparecendo naquelas águas, para nunca mais ser visto.

Mariana tentava não pensar nessa história de infância que voltava após tantos anos para a assombrar, enquanto tentava desesperadamente chegar a um lugar que reconhecesse.

Tentou recordar uma outra noite em que quis mostrar a lagoa a alguém muito especial. Também nessa noite se perdera, só que desta vez não se preocupou com o facto de não estar a seguir directamente para o destino da viagem, pois a companhia agradava-lhe e o seu engano até constituía motivo de brincadeira.

Lembrou-se do ar divertido do João, sempre que ela tinha de fazer inversão de marcha, de cada vez que descobria que se enganara. Ao fim do dobro do tempo que lhe deveria ter levado a viagem chegaram finalmente às margens da Lagoa, já deserta àquela hora.

Sentaram-se junto à margem e conversaram longamente. De repente aperceberam-se de que a luz havia desaparecido, restando apenas o reflexo da lua nas águas escuras, causando um brilho quase irreal. Mas bem reais foram as carícias trocadas, a coberto da neblina que, entretanto, os envolvera.

Conhecera o João numas férias, na praia, e numa tarde em que o mau tempo não convidava a permanecer à beira-mar, pelo que o areal estava quase deserto. Cruzaram-se enquanto passeavam pela areia e, desde esse momento, não deixaram de estar juntos em todos os momentos de uma semana inesquecível.

Mas haveria de ser junto àquelas águas calmas da lagoa que se entregariam um ao outro. E seria também nessa noite a última vez em que Mariana o haveria de ver. João

não apareceu na praia no dia seguinte, nem em todos os que se seguiram, em que Mariana, teimosamente, se sentava no local onde se tinham cruzado pela primeira vez, certa de que ele haveria de aparecer.

Mas as férias chegaram ao fim sem que se voltassem a encontrar. Para Mariana, por muito que lhe tivesse custado aceitar o facto, depois de esgotadas todas as razões mais plausíveis para tal comportamento, João tinha, de facto, partido no dia a seguir àquela noite, sem se despedir dela, o que ainda a magoava muito.

Na altura sofreu muito com aquele gesto, que lhe parecera cruel por parte de alguém com quem tinha partilhado uma noite inesquecível, alguém que lhe havia sussurrado palavras sentidas, e lhe marcara o seu corpo com os seus lábios, com as suas mãos. Demorou muito tempo a atenuar o sofrimento provocado por aquela inexplicável atitude.

Mas, com o tempo, a dor foi-se desvanecendo, restando-lhe, como consolação, a recordação daquela noite de amor, memórias a que ela se agarrava quase desesperadamente e que acabaram por perdurar na sua mente, provocando-lhe sempre um sorriso quando tentava recuperar aquela sensação doce dos lábios dele no seu pescoço, no último beijo que lhe dera.

Uma sombra que subitamente se atravessou no seu caminho arrancou Mariana daquelas recordações. Travou a fundo, receando um embate, e saiu do carro para tentar descobrir se teria ou não batido com o carro nalgum animal ou, pior ainda, em alguém. Para sua surpresa, não encontrou quaisquer vestígios que comprovassem aquilo que acabara de parecer ter visto.

Preparava-se para entrar no carro quando uma luz despertou a sua curiosidade. Ao seu lado a lua iluminava a lagoa, local que ela iria jurar ter deixado para trás há muito tempo. Mas a verdade é que estava mesmo junto daquele grande volume de água adormecida que escondia nas profundezas memórias de horror e que, ao mesmo tempo, guardava nas suas margens doces recordações.

Completamente baralhada, não querendo acreditar que teria andado às voltas sem que se tivesse apercebido de tal facto durante todo aquele tempo, o seu primeiro instinto foi meter-se no carro e sair dali o mais rapidamente possível.

Mas algo a impedia de levar a cabo o que lhe parecia mais razoável naquele momento e, em vez de se afastar, encaminhou-se para aquelas águas iluminadas que a atraíam. A lua parecia repousar mesmo no centro da lagoa, lançando reflexos de luz em toda a extensão das águas escuras.

Mariana estava aterrada, queria fugir dali o mais depressa possível, mas algo mais forte do que a sua vontade teimava em atraí-la para as margens da lagoa. Do calor que sentira naquela noite de amor não restava qualquer vestígio naquele momento, apenas o ar frio que a deixava petrificada e sem forças para contrariar o impulso que a movia em direcção à margem. As imagens daquela noite pareciam, contudo, ganhar vida, como se uma força estranha, escondida na neblina que começava a formar-se no centro da lagoa, e que rapidamente cobriu toda a sua extensão, estivesse determinada em fazê-la reviver. Não tardou que Mariana se visse envolvida naquele estranho nevoeiro que, a determinada altura, lhe travou os passos, impedindo-a de se mover, apesar da vontade louca de fugir daquele lugar, ao mesmo tempo que revivia cada momento, cada gesto, cada sensação que sentira numa outra noite.

Subitamente, a mesma visão que a obrigara a parar na estrada tomou conta da sua consciência. Um vulto acabara de se atravessar à sua frente, encoberto pela neblina. Num esforço desesperado para reagir, Mariana tentou gritar, apenas conseguindo soltar um ténue gemido: "Quem está aí?"

Como resposta, obteve apenas o silêncio que inundava a lagoa. Manteve-se à escuta, atenta ao menor ruído, sem conseguir mover-se durante o que lhe pareceu uma eternidade.

De repente, sentiu que alguém se aproximava. A medo, lançou o olhar em redor e não vislumbrou uma sombra que fosse. Quando se virou para a lagoa sentiu um corpo atrás do seu que a enlaçava e que, num gesto suave, lhe afastava os cabelos, para a beijar no pescoço. O contacto daqueles lábios gelados quase fez com que desmaiasse. As forças faltaram-lhe e teria, decerto, caído, se uns braços fortes não a tivessem pegado ao colo. Sentia frio, muito frio, sensação que se agravava desde o momento em que recebera aquele beijo que lhe parecia, ao mesmo tempo, tão familiar.

Mariana não conseguia ver o rosto do estranho que a transportava em direcção às

águas prateadas da lagoa. Estava aterrada demais para levantar a cabeça e encarar aquele que, para sua surpresa, a carregava delicadamente. Mas a curiosidade foi mais forte e ergueu a cabeça para descobrir quem seria aquele homem que aparecera do nada e lhe fizera recordar um gesto tantas vezes repetidos pelo João naquelas margens.

O luar iluminou-lhe por segundos a cara, revelando um rosto familiar. Ia para dizer o seu nome quando uma nuvem encobriu a lua, roubando-lhe a luz. Quando finalmente a descobriu de novo, ficou aterrorizada com o que viu.

Não era o rosto do João, que ia jurar ter reconhecido instantes antes, mas sim um outro, que ela achava imensamente semelhante ao daquele homem triste da sua infância que diariamente lhe deixava o correio em casa. Sem nunca ter conhecido o infeliz que um dia desaparecera naquelas águas, Mariana sentiu estar perante a presença do filho do carteiro. Queria gritar, libertar-se daqueles braços que a carregavam em direção à água mas nem um som saiu da sua boca, nem um gesto foi tentado pelo seu corpo adormecido.

À medida que se embrenhavam nas águas prateadas da lagoa, Mariana sentia a vida fugir-lhe do corpo, rendida ao que lhe parecia inevitável, até restar da sua presença apenas uma suave ondulação à superfície.

Nos dias seguintes todas as buscas se mostraram infrutíferas para descobrir o ocupante da viatura estacionada a poucos metros da lagoa, no meio da estrada, com a porta do condutor aberta, as chaves na ignição, o motor a trabalhar, soluçando. De entre a documentação encontrada numa mala sobre o banco da frente, um convite para um lançamento de um livro na Figueira da Foz. No verso do convite, em letras pequeninas, manuscritas timidamente, podia-se ler: "Vou lá estar também. Quero tanto ver-te! Não faltes, por favor! - João".

Mariana nunca olhara para o verso do convite.

Ana Cristina Luz é portuguesa, nascida na ilha da Madeira e contista premiada em seu país natal. Além de escrever histórias infanto-juvenil, teve histórias publicadas nos e-zines portugueses Webfiction e Tecnofantasia. Em respeito às diferenças entre o falar lusitano e o brasileiro, foi mantida a grafia original.

A Guerra que o Paraguai Venceu: Uma História Alternativa do Maior Conflito Sul-Americano

Rodolfo Rorato Londero

Imagine um Brasil de proporções territoriais bem menores, onde práticas elitistas, como a concentração de riquezas e terras, cederam lugar para uma verdadeira democracia econômica, política e agrária. Impossível? Não para Gerson Lodi-Ribeiro que descreve, em "A ética da traição" (1993), um Brasil derrotado na Guerra do Paraguai (1864-1870) e, paradoxalmente, mais desenvolvido que o nosso Brasil.

Enquanto subgênero da ficção científica, a uchronia, ou histórias alternativas, vale-se de mudanças dos fatos históricos para apresentar um presente diferente do atual. Certamente, esse subgênero é um espaço privilegiado para refletirmos sobre as poéticas do pós-modernismo, principalmente aquela denominada por Linda Hutcheon como "metaficção historiográfica". Portanto, partindo da premissa pós-modernista que considera a história como um texto ou construto discursivo, o objetivo deste artigo é analisar "A ética da traição", inclusive seu modo crítico de rediscutir o maior conflito militar sul-americano. Considerado um clássico moderno da ficção científica brasileira, o conto de Lodi-Ribeiro apareceu inicialmente nas páginas da extinta versão brasileira da *Isaac Asimov Magazine* e, mais tarde, na coletânea *Outros Brasis* (2006).

Para melhor empreender a tarefa que nos propomos, este artigo é dividido em três tópicos, além das considerações finais: em "História e ficção", discutiremos a proximidade entre esses dois discursos aparentemente distintos; em "Metaficção historiográfica e uchronia", indicaremos as histórias alternativas como exemplos excepcionais de ficção pós-modernista; e em "Leituras de 'A ética da traição'", analisaremos o objeto de estudo em questão.

História e ficção

A dificuldade em aproximar história e ficção deve-se ao significado de falsidade que é amplamente atribuído ao segundo termo. Entretanto, a ficção não se limita à definição de falsidade, como afirma Reis:

Referindo-se ao *quase-mundo* imaginário que a escrita configura, Ricoeur conduz-nos a um fundamental aspecto constitutivo do texto literário: a sua

condição *ficcional* que pode ser relacionada, mesmo do ponto de vista etimológico, com o conceito de *fingimento*. Se em latim *fingere* significa *plasmar, formar*, então o *fingimento artístico* que origina textos literários *ficcionais* designa uma *modelação estético-verbal* e não implica necessariamente uma outra acepção em que o fingimento pode ser entendido: a acepção depreciativa de hipocrisia ou falsidade (REIS, 2001:170; grifos do autor).

Na verdade, o *fingimento*, enquanto metáfora da definição de linguagem, é o único meio que possuímos para acessar e descrever a realidade, pois a realidade é uma totalidade inexprimível. Sendo assim, *plasmar* significa *selecionar*, extrair da totalidade um particular exprimível. Daí todo discurso (histórico, jornalístico, jurídico, etc.) ser um discurso ficcional. No caso da história, Paul Ricoeur afirma que o discurso ou referência histórica é construído através de vestígios do real passado, mas acrescenta “[...] que essa referência por meio de vestígios retira algo da referência metafórica comum a todas as obras poéticas, na medida em que o passado só pode ser reconstruído pela imaginação” (RICOEUR, 1994: 125). A imaginação é justamente o caráter seletivo da história, pois, sendo o passado uma totalidade incompreensível constituída por fatos isolados, é necessário a seleção e a junção dos diversos fatos para formarmos uma visão particular e compreensível do passado. Expressões como “reescrever a história” são metáforas valiosas para compreendermos esse caráter ficcional-seletivo do discurso histórico, pois, para cada seleção e junção dos fatos, construímos um novo passado. As manipulações do passado praticadas pelo nazismo e pelo stalinismo são exemplos perversos, mas patentes, da afirmação anterior.

Destacado o caráter ficcional da história, é possível aproximá-la de alguns gêneros literários: segundo Linda Hutcheon, “ao considerar a história como ‘um verdadeira romance’, Veyne está indicando as convenções que os dois gêneros têm em comum: a seleção, a organização, a diegese, a anedota, o ritmo temporal e a elaboração da trama” (HUTCHEON, 1991: 148). Tomemos como exemplo a Revolução Francesa ensinada nos manuais de história do ensino médio: os fatos *selecionados* (a Queda da Bastilha, a decapitação do rei Luís XVI, o Terror, etc) são *organizados* para consolidarem uma *trama* que evolui num *ritmo temporal* marcado por datas. Entretanto, as fraquezas dessa concepção positivista e diacrônica da história são alvos de muitas críticas contemporâneas, inclusive das formuladas por Braulio Tavares no prefácio de *Outros Brasís*:

Talvez o principal defeito de muitos dos livros de História que lemos, livros de História que se pretendem sérios e científicos, seja passar para nós, leitores, a sensação de que a História segue um rumo retilíneo, no qual cada passo conduz necessariamente ao passo seguinte, como se o entrechoque de forças sociais não tivesse outro destino ou outro resultado possível senão o que efetivamente aconteceu (TAVARES, 2006: 11).

Mais adiante, como alternativa ao modelo diacrônico, Tavares propõe uma história sincrônica:

Os Brasis sugeridos neste livro são outros, mas são também este onde vivemos, porque mesmo quando as funções de onda de probabilidade da História colapsam em benefício desta ou daquela alternativa, as condições que tinham tornado possível a alternativa oposta continuam latentes; não são zeradas por um passe de mágica (TAVARES, 2006: 11).

Em outras palavras, para nos valermos de um exemplo, a escravidão, mesmo que findada em 1888, ainda determina várias características do presente brasileiro. Apesar das duras críticas ao modelo diacrônico, Fredric Jameson observa nele uma ferramenta útil para a perspectiva sincrônica da história, principalmente ao partir da interpretação genealógica de Nietzsche: “[...] a genealogia não é uma *narrativa* histórica, mas tem a função essencial de renovar nossa percepção do sistema sincrônico como em um raio-X, com suas perspectivas diacrônicas servindo para tornar perceptível a articulação, no presente, dos elementos funcionais de um dado sistema” (JAMESON, 1992: 139; grifo do autor). Desta afirmação de Jameson compreendemos que a organização linear dos fatos históricos deve ser entendida como um *protótipo*, cuja finalidade é justamente, devido sua condição inacabada, a desmontagem a partir do presente.

Um dos estudiosos que melhor empreende uma visão sincrônica da história é Raymond Williams. Através dos conceitos de *dominante*, *residual* e *emergente* propostos em *Marxismo e literatura* (1977), “Williams torna complexa assim a noção de hegemonia (consolidada pelas características dominantes) enfrentando-a com o conjunto de elementos residuais que persistem do passado ou os emergentes que se originam do presente, anunciando a aparição de novas configurações” (SARLO, 2005:

92). Tais conceitos nos ajudam a compreender os movimentos da ucronia e da metacronia (outro subgênero da ficção científica), pois eles embaralham os aspectos consensuais do presente, transformando, por exemplo, o *residual em dominante* – como acontece em “A ética da traição” ao descrever o Paraguai como uma potência mundial – ou o *emergente em dominante* – como ocorre em *1984* (1949) ao propor, nas entrelinhas, uma expansão mundial da ditadura stalinista.

Metaficção historiográfica e ucronia

Como vimos no tópico anterior, os fatos históricos são recortes do passado. Mas como se apresentam os fatos? Certamente, através de textos¹. Esta resposta é a chave para entendermos a metaficção historiográfica: segundo Hutcheon, este tipo de ficção pós-modernista “[...] sugere que *houve* matérias brutas – personagens e acontecimentos históricos – mas que hoje só as conhecemos como textos” (HUTCHEON, 1991: 188; grifo da autora). Esta é a principal diferença entre a metaficção historiográfica e o romance histórico, pois o último acredita ingenuamente que lida com as matérias brutas da história. Um pouco antes da afirmação anterior, Hutcheon afirma que, para a metaficção historiográfica, “a história passa a ser um texto, um construto discursivo ao qual a ficção recorre tão facilmente como a outros textos da literatura” (HUTCHEON, 1991: 185). Um exemplo: a história do nazismo, enquanto texto, é utilizada em *O homem do castelo alto* (1962), de Philip K. Dick, ucronia que retrata a vitória do Eixo na Segunda Guerra Mundial e a divisão dos Estados Unidos entre Alemanha e Japão. Através da metaficção, essa poética pós-modernista também se mostra consciente da condição ficcional da história. Para retornarmos ao exemplo anterior, no cenário alternativo de Dick há um romance de ficção científica que retrata a vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. Ou seja, além da referência ao gênero do romance (a ficção científica), a metaficção em *O homem do castelo alto* revela o caráter ficcional da própria história.

Os poucos exemplos retirados do romance de Dick atestam a proximidade entre metaficção historiográfica e ucronia. No ensaio “Os mundos da ficção científica” (1985), Umberto Eco pontua quatro tipos de literatura fantástica – *alotopia*, *utopia*, *ucronia* e *metacronia* –, mas indica a metacronia como definidora da ficção científica, pois o mundo possível descrito pelo gênero “[...] representa uma fase futura do mundo real presente: e por mais que seja estruturalmente diverso do mundo real, o mundo possível é possível (e verossímil) exatamente porque as transformações a que

foi submetido nada mais fazem do que completar as linhas de tendência do mundo real”² (ECO, 1989: 168). Seduzido pela errônea alcunha do gênero, “literatura de antecipação”, Eco ignora os outros tipos de literatura fantástica pontuados para definir a ficção científica. Segundo Raul Fiker,

[...] se escolhermos um nome como “literatura de antecipação” – que é um dos muitos nomes alternativos propostos para a ficção científica – estamos definindo o gênero como relativo apenas ao futuro e limitando-o a um tipo específico de FC, quando um sem-número de histórias do gênero se passam no passado ou no presente, apresentando, por exemplo, passados ou presentes alternativos (FIKER, 1985: 11).

Ou seja, a alotopia, a utopia, a ucronia e a metacronia são, na verdade, subgêneros da ficção científica, apesar da predominância da alegoria nas diversas obras do gênero³. Portanto, nenhum dos quatro tipos citados por Eco definem exclusivamente a ficção científica. Esclarecido isto, vejamos como Eco define a ucronia:

A utopia pode transformar-se em ucronia, onde o contrafactual assume a seguinte forma: “que teria acontecido se o que realmente aconteceu tivesse acontecido de modo diferente – por exemplo, se Júlio César não tivesse sido assassinado nos idos de março?” Temos ótimos exemplos de historiografia ucrônica usada para melhor entender os acontecimentos que produziram a história atual (ECO, 1989: 168).

Mais adiante, Eco afirma porque ucronia não é ficção científica:

E mais, temos bons exemplos de ficção científica ucrônica, nos quais não só em virtude de determinada descoberta científica pode-se revisitar o passado, mas onde é possível modificar as linhas de força, com todos os paradoxos que disso resultam. Mas eu diria que quando a science fiction torna-se history fiction (e me lembro de um romance cujo protagonista, projetado no passado, transformava-se em Leonardo da Vinci), o que interessa à ficção científica não é tanto a história modificada quanto a mecânica da sua modificação, ou seja, a possibilidade cosmológica da viagem em retrocesso, o problema “científico” de como projetar a história possível partindo de linhas de tendência do mundo atual (ECO, 1989:169).

Primeiramente, a ficção científica não precisa tornar-se ficção histórica quando aborda o passado, pois a história é uma ciência, logo abarcada pela ficção científica⁴. Mas é verdade que muitas obras do gênero sobre o passado interessam-se fundamentalmente pela mecânica da viagem no tempo, como "Um som de trovão" (1953), de Ray Bradbury, ou o próprio "A ética da traição", ainda que esta não seja a questão principal do conto; entretanto, existem outras obras que ignoram tal questão ao apresentarem o passado alternativo como passado atual, como a já citada *O homem do castelo alto*.

Leituras de "A ética da traição"

As leituras que realizaremos do conto de Lodi-Ribeiro partem da seguinte constatação de Hutcheon: "A ficção pós-moderna sugere que reescrever ou rerepresentar o passado na ficção e na história é – em ambos os casos – revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e teleológico" (HUTCHEON, 1991: 147). Ou seja, ao redesenhar o passado sob uma nova perspectiva, a ficção pós-modernista de Lodi-Ribeiro evita conclusões precipitadas a respeito da atual condição brasileira. Percebemos isto já nas primeiras páginas do conto, nas palavras do narrador-protagonista que justifica a derrota do Império brasileiro na Guerra do Paraguai, ou melhor, da Tríplice Aliança:

Sempre julguei que, se fosse de fato necessário atribuir alguma responsabilidade, que não a nós mesmos, pelos malogros militares do Império, esta deveria recair sobre o capitalismo britânico. Pois, como é atualmente de conhecimento público, a Guerra da Tríplice Aliança foi incentivada pelos ingleses e financiada por capital britânico. Embora o neguem, eles se sentiram temerosos da concorrência potencial representada por um Paraguai militarmente forte, politicamente voluntarioso, economicamente independente, industrializado e começando a ensaiar um sistema econômico que já se prenunciava socialista em sua essência (LODI-RIBEIRO, 2006: 162-163).

Seduzido pelo capitalismo britânico, o Brasil impediu a prosperidade do Paraguai e, possivelmente, sua própria prosperidade, considerando os prováveis benefícios das relações travadas com um Paraguai fortalecido. Mas no universo ficcional de Lodi-Ribeiro, o Paraguai venceu a guerra e, portanto, o quadro acima se concretizou,

apesar das perdas territoriais brasileiras. Segundo Ginway, “a história explora como as forças da elite de um Brasil diminuído poderiam ter sido forçadas a considerar reformas para forjar uma democracia econômica e política, ao invés de concentrar riqueza e poder nas mãos de poucos” (GINWAY, 2005: 208). Um exemplo de reforma sugerido por Lodi-Ribeiro é o seguinte:

A República Guarany aceitara em seu território ampliado após a vitória na guerra todos os negros que para lá desejaram imigrar, após a abolição da escravidão que impusera ao inimigo derrotado. Uma vez no país adotivo, os ex-escravos receberam títulos de propriedade em terras agricultáveis. Junto com as terras, vieram os direitos e deveres inerentes ao *status* da cidadania paraguaya. (LODI-RIBEIRO, 2006: 207).

As palavras acima destoam do que realmente aconteceu: os escravos brasileiros que lutaram na Guerra do Paraguai receberam somente a alforria. Este pequeno exemplo é suficiente para compreendermos as palavras anteriores de Hutcheon, pois o passado alternativo proposto por Lodi-Ribeiro nos exige um novo olhar para o presente e, portanto, nos impede de conceber a história como uma sucessão de fatos conclusivos.

“A ética da traição” narra a fuga do cientista brasileiro Albuquerque para terras paraguaias após descobrir os interesses obscuros dos militares brasileiros pelo seu invento, uma máquina “imperfeita” capaz de vislumbrar o passado. Emblematicamente, o conto inicia numa das fronteiras Brasil-Paraguai que, nessa história alternativa, é o rio Paranapanema. Esta fronteira física nos remete às fronteiras metafóricas, pois o conto situa-se entre a história e a ficção, entre o passado e o presente. Logo nas primeiras páginas, Lodi-Ribeiro acentua os estranhamentos que sua história alternativa causa nos leitores:

A Espírito Santo levava pouca carga em sua viagem para noroeste. Algumas dezenas de toneladas em sacas de café paulista de alta qualidade, bastante apreciado pelos cidadãos da República Guarany. Muito pouco em comparação aos cereais e eletrodomésticos de procedência paraguaya. Isso para não mencionar as micropastillas de silício de penúltima geração, já liberadas pelo Despacho de la Ciencia e avidamente importadas pelas indústrias montadoras de supermicros instaladas em São Paulo e no sul de Minas Gerais (LODI-RIBEIRO, 2006: 163).

Entretanto, mesmo desempenhando o papel de importador de tecnologia, o Brasil de "A ética da traição" é a quinta maior economia do mundo. Outro estranhamento, mais curioso para os leitores mato-grossenses e sul-mato-grossenses, é o seguinte:

A Gran República del Paraguay merecia de fato essa designação. Numa tonalidade vinho rosê, destacava-se como a nação de maior extensão territorial da América do Sul. E isto mesmo sem levar em conta *el Protectorado del Mato Guieso*, sob controle político e econômico guarany. Esse vasto território se estendia, em vermelho-claro, do norte de *la Gran República* até a margem sul do Amazonas. Apesar de rebatizado em *castellano*, o português ainda era o idioma mais falado na região, a despeito dos esforços e incentivos das autoridades paraguayas (LODI-RIBEIRO, 2006: 175-176).

Esta proximidade das línguas portuguesa e espanhola também é observada no Brasil atual, principalmente nos municípios fronteiriços do Centro-Oeste. Entretanto, um dos grandes estranhamentos é a presença de *gadgets* (câmeras holográficas, máquinas acionadas por comando de voz, etc) típicos dos futuros imaginados pela ficção científica, apesar do ano diegético ser 1993 (ver LODI-RIBEIRO, 2006: 169), o mesmo ano de publicação do conto. Ou seja, Lodi-Ribeiro aproveita esses objetos-clichês da ficção científica para realçar que o presente alternativo de "A ética da traição" é mais avançado tecnologicamente que o presente do leitor⁵. Um dos *gadgets* do conto é o "holovisor temporal", invento do professor Albuquerque que proporciona "[...] a visualização de eventos históricos pretéritos" (LODI-RIBEIRO, 2006: 172). Entretanto, o rastreador não funciona perfeitamente, pois o Brasil apresentado no "holovisor temporal" diverge do Brasil de Albuquerque:

Um país com dimensões de continente e, mesmo assim, fraco. E pobre. Muito pobre...

Habitado por um povo faminto e ignorante. Um país cruel, cujo sistema econômico era o capitalismo sob uma forma em muitos aspectos ainda mais selvagem do que a praticada pelo Império Britânico em meados do século passado. Um Brasil cujas riquezas estavam concentradas em pouquíssimas mãos, numa situação sem paralelo em qualquer país atual do nosso mundo (LODI-RIBEIRO, 2006: 176).

Ao invés de apresentar o passado do Brasil que perdeu a Guerra do Paraguai, o “holovisor temporal” reproduz imagens do país que venceu a guerra, ou seja, do nosso Brasil. Ocorre, então, uma inversão do estranhamento esclarecedora, pois, enquanto a personagem reage estupefata, o leitor identifica um Brasil que infelizmente não lhe causa espanto. O mesmo acontece no trecho abaixo, quando Albuquerque explica a situação do Paraguai visualizada no “holovisor temporal”:

Arrasado é um eufemismo pueril que não descreve, em absoluto, a situação paraguaya do pós-guerra. Despovoado... – Meu Deus! Como eu poderia descrever tudo que vi sem que me tomassem por louco? – Um Paraguay despojado de vastas porções de seu território e ocupado militarmente de maneira cruel, inteiramente distinta da ocupação guarany ao Brasil que conhecemos. Aquele Paraguay jamais se recuperou, nem como nação, nem como povo (LODI-RIBEIRO, 2006, 187).

A primeira hipótese formulada por Albuquerque para justificar as falhas do invento é a seguinte: “Alguns de nossos pesquisadores levantaram a possibilidade da holoprojeção representar uma película de *ciencia fictícia*, com enredo de história alternativa” (LODIRIBEIRO, 2006: 182). Como podemos deduzir, *ciencia fictícia* é uma variação de *ciencia ficción* inventada pelo autor para denominar a ficção científica em seu universo alternativo. Até aqui, “A ética da traição” assemelha-se a *O homem do castelo alto*, pois, como vimos anteriormente, Dick também se vale da metaficção para indicar o caráter ficcional da história. Contudo, o interesse de Lodi-Ribeiro não é tanto embaralhar as fronteiras entre história e ficção, como faz Dick, pois Albuquerque afirma mais adiante que o estranho passado revelado pelo rastreador “não se trata de *ciencia fictícia*” (LODI-RIBEIRO, 2006: 184). Logo, a personagem formula uma nova hipótese: “Uma idéia, eu tenho. Aparentemente, por mais estranha que julguemos essa realidade alternativa, ao que parece, ela tem uma probabilidade de ocorrência muito maior do que a de nossa própria realidade. *Estupidamente maior, eu diria*” (LODI-RIBEIRO, 2006: 183; grifo nosso). Ou seja, nossa realidade miserável é mais provável que a realidade próspera imaginada por Lodi-Ribeiro. A palavra “estupidamente” da citação anterior sugere uma reinterpretação irônica de uma conhecida lição: *A história é feita pela estupidez dos homens*.

Outra famosa lição observa-se na seguinte afirmação de Albuquerque a respeito do passado visualizado no rastreador: “Aliás, lá eles denominam esse conflito *Guerra do*

Paraguay” (LODIRIBEIRO, 2006: 190). Como *a história é escrita pelos vencedores*, no universo alternativo de Lodi-Ribeiro o maior conflito militar sul-americano é denominado Guerra da Tríplice Aliança, enquanto na atualidade é denominado Guerra do Paraguai. Ou seja, segundo a lógica da história redigida pelos dominantes, os culpados pela guerra são sempre os perdedores.

Mas onde identificamos a reflexão metaficcional de “A ética da traição”? Certamente, nas seguintes palavras: “Temos que aceitar os fatos históricos e parar de nos esconder atrás das desculpas do tipo ‘como-seríamos-melhores-e-mais-felizes-se-houvéssemos-ganho-a-guerra’” (LODI-RIBEIRO, 2006: 175). Ao criticar o próprio mecanismo narrativo que adota, Lodi-Ribeiro nos conduz ao paradoxo da dialética, pois também são inviáveis escapismos do tipo “como-seríamos-melhores-e-mais-felizes-se-houvéssemos-perdido-a-guerra”. Portanto, nas entrelinhas, o autor sugere que “A ética da traição” seja lido como reflexão dos fatos históricos, e não como propaganda utópica.

Considerações finais

Várias teorizações nos ajudaram a realizar esta leitura produtiva de “A ética da traição”, principalmente a perspectiva pós-modernista acenada por Hutcheon. Ao insistir na qualidade ficcional da história, o pós-modernismo permite um exercício verdadeiramente interdisciplinar. Daí nos valermos de teorias literárias para discutir história.

A ficção científica, através da ucronia, também se mostrou um interessante campo de estudo para os historiadores. Mesmo as narrativas futuristas, não exploradas neste artigo, admitem análises históricas reveladoras, pois, como percebe David Wilson, “a maioria das atividades humanas, afinal, é profundamente influenciada por nossas esperanças e expectativas acerca do futuro” (WILSON, 2002: 35). Mas isto é outra história...

Notas

¹ Para os leitores não familiarizados com a definição semiológica, texto é tudo aquilo passível de significação (um romance, um filme, uma construção arquitetônica, um objeto artesanal ou industrial, etc). Daí tal concepção de texto abarcar não apenas documentos históricos, mas também objetos arqueológicos.

² Esta definição de Eco é comparável à leitura do gênero feita por Antonio Gramsci: nos livros de Júlio Verne, "a imaginação não é inteiramente 'arbitrária' e, por isso, tem o poder de excitar a fantasia do leitor já conquistado pela ideologia do fatal desenvolvimento do progresso científico no domínio e no controle das forças naturais" (GRAMSCI, 1986: 116). O que Eco chama de "as linhas de tendência do mundo real" é, para Gramsci, a ideologia do progresso científico.

³ A respeito, ver ensaio escrito por mim e por Edgar Cézar Nolasco intitulado "Definições para uma ficção científica brasileira: uma análise do gênero cyberpunk", incluso no livro *Discurso, alteridades e gênero* (2006).

⁴ Curiosamente, apesar de Eco não ignorar essa conclusão ao afirmar que "[...] não devemos somente pensar [a ciência] em conjeturas concernentes às ciências físicas, mas também às ciências humanas, como a sociologia ou a história ou a lingüística" (ECO, 1989: 169), ele ainda assim descarta a ucronia como ficção científica.

⁵ Talvez, neste momento, Lodi-Ribeiro é vítima da armadilha da ideologia do progresso científico. Ver nota 2.

Referências bibliográficas

BRADBURY, Ray. Um som de trovão. In: *Os frutos dourados do sol*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

DICK, Philip K. *O homem do castelo alto*. São Paulo: Aleph, 2006.

ECO, Umberto. Os mundos da ficção científica. In: *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FIKER, Raul. *Ficção científica: ficção, ciência ou uma épica da época?* Porto Alegre: L&PM, 1985.

GINWAY, M. Elizabeth. *Ficção científica brasileira: mitos culturais e nacionalidade no país do futuro*. São Paulo: Devir, 2005.

GRAMSCI, Antonio. *Literatura e vida nacional*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1986.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JAMESON, Fredric. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo: Ática, 1992.

LODI-RIBEIRO, Gerson. A ética da traição. In: *Outros Brasis*. São Paulo: Unicórnio Azul, 2006.

NOLASCO, Edgar César; LONDERO, Rodolfo Rorato. Definições para uma ficção científica brasileira: uma análise do gênero *cyberpunk*. In: NOLASCO, Edgar César; GUERRA, Vânia Maria Lescano (orgs.). *Discurso, alteridades e gênero*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2006.

ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Coimbra: Almedina, 2001.

RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa*, vol. 1. Campinas: Papirus, 1994.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: EDUSP, 2005.

TAVARES, Braulio. Prefácio. In: LODI-RIBEIRO, Gerson. *Outros Brasis*. São Paulo: Unicórnio Azul, 2006.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

WILSON, David A. *A história do futuro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

Rodolfo Londero é mestre em Letras pela UFMS e atualmente faz o doutorado também em Letras pela UFSM. Sua pesquisa enfatiza o cyberpunk e sua recepção no Brasil, mas está aberto a perceber outras nuances diversas da produção de ficção especulativa no Brasil. Organizou, junto com Edgar Nolasco, o livro 'De volta ao mundo da Ficção Científica', o primeiro editado no Brasil somente com artigos voltados para a FC.

Email de contato: rodolfolondero@bol.com.br

O Lamento de Suas Mulheres

Carlos Orsi

"Tu te enganas. A maior das grandes alegrias do homem é caçar e derrotar o inimigo, tomar-lhe todas as posses, ouvir o lamento de suas esposas, cavalgar seu garanhão, usar os corpos de suas mulheres como chão e lençol, contemplando e beijando os lábios rosados, sugando os lábios que são tão doces quanto as cerejas em seus seios" - Genghis Khan

O estrondo pôs Khankar novamente em contato com a realidade externa, imediata. Quantos dos minutos anteriores ele estivera – o quê? desacordado? delirando? alienado em si mesmo? – seria difícil dizer. A inteligência autônoma do traje de combate havia se reduzido a quase zero. Do remoto, que deveria voar sobre sua cabeça, ao redor e adiante, em busca de inimigos e armadilhas, não havia sinal.

Por sorte, os microfones externos do capacete eram "burros", não dependiam da mente nanótica que, ao menos no momento, parecia imersa em coma profundo. Assim, ouvira o estrondo, pouco depois de sentir a vibração nos pés, nas mãos – nas mãos?

Khankar percebeu que estava caído.

Levantou-se, trazendo um pouco da fina poeira de Ares Vallis nas luvas e joelhos. Se a inteligência autônoma ainda operasse, uma leve carga eletrostática teria feito os grãos, finos como cinza de cigarro, se desprenderem ao vento.

Olhando na direção da onde o estrondo vinha, Khankar viu um Gafanhoto descendo por trás dos Picos Gêmeos. O Gafanhoto, uma cúpula blindada dotada de foguetes, tinha as cores da Horda Pavonis.

A visão das cores da Horda fez Khankar sentir a garganta seca – o traje, emburrecido, não lhe ofereceu água – e uma surpreendente angústia. Ele então soube, acima e além de qualquer dúvida, que sua presença em Ares causara a chegada do Gafanhoto, e que a *máquina*, não, não a máquina, mas os *homens* em seu interior... sim, a máquina também, a *máquina e os homens*... estavam ali para destruí-lo. Eliminá-lo.

Havia lacunas na memória de Khankar. Existia já um estado de guerra aberta,

declarada, entre seu clã e a Horda? Por que estavam atrás dele, especificamente? Havia instintos, porém, que Khankar sabia serem sólidos e confiáveis, e que não lhe davam margem de hesitação. Cada fibra e tendão de seu corpo vibrava na nota da morte, do perigo e da guerra.

Quando finalmente desapareceu a nuvem de poeira, último sinal visível do pouso do Gafanhoto além dos montes, Khankar sentiu o pescoço rijo, as vértebras a ponto de estalar, um arrepio nos braços e um tremor nos ombros. Era como se o traje tivesse sido contaminado pelo vento frio de Marte. Engolindo em seco, o homem solitário dominou um breve espasmo no estômago, início de náusea, o princípio de uma entrega fisiológica ao medo.

Ainda não, disse ele a si mesmo. Ainda não. Eu também posso jogar esse jogo. Respirando fundo, pôs-se a caminho dos Picos Gêmeos.

A caminhada logo se converteu em corrida. Não há esconderijos ou cobertura na grande planície de Ares Vallis, o leito de uma torrente catastrófica cujos sinais ainda são visíveis após bilhões de anos, e se a Horda enviasse remotos para além dos montes, a detecção de Khankar seria imediata. Sua única chance era chegar ao inimigo antes que o inimigo soubesse exatamente onde ele estava.

A corrida logo se resolveu numa série de saltos, entremeada por mergulhos, cambalhotas, giros, ora pousando sobre as mãos, os cotovelos, os pés, rolando sobre a blindagem extra dos ombros ou do capacete, mas sempre se erguendo, sempre adiante, cada tombo gerando uma quantidade ainda maior de movimento e velocidade, num irresistível redemoinho humano de pó, polímero e metal.

Na gravidade de Marte, não apenas o comprimento natural da passada confunde o cérebro – ninguém não nascido em Marte jamais foi capaz de correr naturalmente em 0,38g – , como o atrito menor facilita, na verdade induz, o deslizamento. Khankar, no entanto, era ágil, experiente e as áreas especialmente reforçadas de seu traje haviam sido feitas para suportar, absorver e devolver os impactos seguidos.

Para um observador externo, a corrida em direção aos Picos Gêmeos teria parecido uma bizarra exibição de ginástica de solo, anárquica, selvagem, simiesca até – mas

também econômica, eficiente, elegante e de uma estranha, perigosa precisão: na velocidade que Khankar se impunha, uma ponta mais aguda de rocha basáltica, no ângulo certo, poderia facilmente perfurar o ventre do traje ou trincar a placa facial do capacete. Ares Vallis convertia-se num campo minado.

Em meio ao caos de aceleração, Khankar matinha um controle espontâneo, maquinal, milimétrico, das causas e conseqüências de cada movimento. No nível mais básico e animalesco da consciência, seu cérebro acompanhava o vôo breve de cada grão de areia.

Ao chegar a seu destino, Khankar estava totalmente coberto pela poeira cinzenta, amarela e rosada do Vallis, imaginando se a sujeira lhe traria alguma camuflagem.

Antes de começar a subir a inclinação suave da colina da qual despontam os Picos Gêmeos, dobrou o joelho direito e colheu algumas pedras pesadas do chão, guardando-as em um grande bolso que se abria numa das laterais do traje.

O bolso deveria conter baterias para o rifle, mas assim como o remoto e a inteligência da roupa, tanto a arma quanto as células de energia tinham desaparecido antes que Khankar fosse despertado para a situação atual pelo estrondo do Gafanhoto.

Armado com pedaços de rocha vulcânica, começou a escalar.

De seu esconderijo na colina, Khankar observava as três pessoas que haviam descido do Gafanhoto da Horda. Não viu armas e, embora todos tivessem remotos, os sensores estavam montados em balões prateados, não em minijatos, e tinham sido enviados para o sul, na direção de Aram Chaos, em vez de serem usados para estabelecer um perímetro de segurança.

Nada parecia exatamente militar. Ao menos, não até que Khankar viu, sentindo um nó apertado na garganta, a carga que os três retiravam do Gafanhoto: corpos humanos. Não cadáveres frescos, mas múmias ressecadas, encolhidas – pouco maiores que crianças, na verdade. Crianças de folha seca e órbitas vazias, as com feições petrificadas de adultos.

Ah, sim. As feições. Pois a simples visão da morte, e dos efeitos da morte, dificilmente bastaria para fechar a garganta de Khankar; para trazer lágrimas a seus olhos.

As feições.

Ele as reconhecia.

As múmias eram seu clã – *era seu clã, morto, extinto e mumificado*.

Khankar não gritou. Também não riu, não soltou a gargalhada fúnebre, embora o afã lhe sacudisse o peito, as entranhas, ameaçando destruí-lo por dentro. O choro secou em sua face e ele observou, olhou com muita atenção para as três pessoas que haviam desembarcado do Gafanhoto e agora espalhavam corpos na planície. Pelas marcas e contornos nos trajes, eram duas mulheres e um homem. A consciência de que havia mulheres ali pôs um sorriso feroz na face de Khankar: pelo Édito de Saratt, as fêmeas do inimigo tornavam-se automaticamente butim de guerra, se subjugadas.

Bela palavra esta, “subjugadas”, pensou Khankar.

O único a morrer, então, seria o homem.

Ricardo trabalhava na válvula do tanque de fixador hidrossolúvel do Gafanhoto. A substância seria espalhada sobre os corpos para impedir que fossem carregados pelo vento ou erodidos pela areia antes que as primeiras chuvas ocorressem em Marte, dentro de uma ou duas décadas.

Nesse dia, que Ricardo aguardava com enorme ansiedade, mal contida sob um verniz de paciência filosófica e de resignação para com os ritmos inevitavelmente lentos da ecopoese, os nutrientes contidos nos cadáveres seriam absorvidos pelo vale estéril, dando origem ao solo rico de um jardim. As múmias eram todas de voluntários, homens e mulheres com o desejo de que suas mortes levassem vida a Marte. A despeito do fim violento que haviam compartilhado, Ricardo os invejava.

Ele não ouviu nada até que o primeiro golpe o atingisse – quando, obviamente, já era inútil ouvir qualquer coisa.

Antes de se esgueirar colina abaixo, Khankar havia sido capaz de restaurar uma medida de controle manual sobre o campo eletrostático do traje, concentrando-o em área e alterando-lhe a polaridade. Graças a isso, as luvas agora eram manoplas recobertas por uma camada rija, espessa, de pedregulho, sobre a qual flutuavam lascas de rocha e grãos de poeira em alta velocidade. Essa era a arma dos desarmados, dos mercenários derrotados e dos desesperados em fuga: a maçã marciana, espada, clava e machado ao mesmo tempo.

Khankar atingiu Ricardo sobre a coluna, no centro das costas, atacando diretamente e sem piedade a linha de menor resistência, onde a articulação do quadril conecta-se à blindagem torácica. Uma, duas, diversas vezes, muito rápido. A maçã é uma arma cruel, calibrada para tirar vantagem do campo eletrostático automático do traje da vítima que, ao tentar repelir, apenas acelera o enxame de fragmentos e fagulhas, afiando ainda mais o "gume" do "machado".

O primeiro impacto jogou Ricardo de encontro ao Gafanhoto e, em seguida, ao chão.

A ruptura chegou aos microfones do capacete de Khankar com o som de um suspiro, anunciando uma fuga de vapor do circuito fechado que, até então, mantivera Ricardo vivo. Vapor que rapidamente congelou sobre a brecha recém-aberta, vedando-a por um instante. Logo, porém, os cristais de gelo voaram, cortados, esmagados, desfeitos, rocha e punhos primeiro ampliando o rasgo, depois o penetrando, rumo à carne do homem, então aleijado e já quase morto.

Ao decidir pelo ataque, Khankar aceitara o risco de o homem ter tempo de pedir socorro, fosse aos gritos, por meio dos alto-falantes do capacete, ou pelo rádio. Também havia o perigo (muito maior, na avaliação de Khankar) de que a inteligência do traje agredido enviasse um relatório de "status" emergencial para as duas mulheres.

E, de fato, embora Ricardo não tivesse conseguido pedir socorro, os nanóides prontamente passaram a sinalizar emergência.

As mulheres chegaram a tempo de ver Khankar remover os punhos ensangüentados

do buraco aberto nas costas de Ricardo, os punhos rochosos orbitados por satélites carmesim de sangue congelado, envoltos numa névoa rosada de sublimação.

Uma delas trazia algo nas mãos – parecia um pássaro morto, que segurava por uma das asas, e que deixou cair assim que viu a cena, a morte, o cadáver fresco. Khankar reconheceu imediatamente o pássaro: não morto, artificial. Seu remoto perdido.

Khankar e as duas mulheres estavam sentados na areia, cada um o vértice de um triângulo tão rígido quanto instável. Logo seria noite – o fim da energia solar que suplementava as baterias do traje. As mulheres sabiam que não tinham como fugir a pé sem que Khankar as alcançasse. Khankar sabia que os três não teriam como sobreviver à noite sem que voltassem ao Gafanhoto, onde havia comida e baterias novas, mas onde as mulheres talvez tivessem armas escondidas.

E havia os remotos das duas, voando rumo a Aram Chaos. Elas poderiam usá-los para pedir socorro, se é que ainda não tinham feito isso. Eram bem estúpidas se não tivessem. Ou será que os remotos já estavam fora do alcance de rádio? Será que os trajes das mulheres tinham linha direta com algum satélite em órbita? Khankar não sabia. Ele detestava não saber.

O melhor seria matar as duas, tomar o Gafanhoto, sumir dali. Mas, sem elas, ele não teria como celebrar a vingança, nem meios para reiniciar o clã. Pior: se as duas já tivessem pedido socorro, via remotos ou satélite, Khankar iria precisar de reféns. Ele provavelmente já estava cercado, e não sabia.

Khankar detestava não saber.

Havia seu remoto, caído no chão. Khankar gostaria de reativá-lo e garantir o perímetro, mas algo o impedia de tocar no robô voador. Era uma das lacunas em sua memória, um vazio na mente que o alertava para manter distância do aparelho. Talvez houvesse uma bomba para impedir o acesso não-autorizado. E se ele tivesse se esquecido do modo de acesso autorizado?

O pássaro, com asas de plástico delgado e jatos na cauda, parecia intacto, exceto por uma queimadura feita na lateral esquerda.

– Foi atingido por um raio – uma das mulheres disse, pelos alto-falantes do traje, apontando para o remoto. Khankar não tinha como ver o rosto de nenhuma delas: a proteção contra raios ultra-violeta escurecia as placas faciais.

– Raio? Em Marte? – perguntou ele, escarnecendo. – Tempo nublado?

– De um tornado – disse a outra. – Descarga eletrostática. Nós vimos... o tornado... quando estávamos vindo para cá. Parecia estar passando aqui perto, mas era difícil ter certeza. Mas...

– Essa queimadura é coisa de relâmpago – completou a primeira mulher. – É a única explicação.

O que elas estavam tramando? Khankar sabia que era perfeitamente possível que as duas estivessem conversando em segredo, por rádio, sem que ele percebesse. Que todo aquele diálogo tivesse sido ensaiado. De qualquer maneira, ele conhecia a teoria sobre os tornados elétricos marcianos: ar quente carrega os grãos mais leves da areia fina para o alto, iniciando o redemoinho, que gira cada vez mais rápido. O atrito entre os grãos gera carga elétrica, a areia mais pesada cedendo elétrons para a mais leve, que sobe cada vez mais alto, até que...

Zapt!

– Se for isso, acho que posso consertar seu remoto – disse a segunda mulher.

– Como você sabe que é meu?

– Mais alguém aqui?

– Você acha que pode consertar?

– Se foi só o choque...

– E por que você iria me ajudar?

– Quero voltar para o Gafanhoto. Quero comida de verdade. Quero me lavar. Não

quero morrer de frio.

– E... ?

– Bom, com seu remoto funcionando você vai ficar um pouco menos paranóico, não vai, seu filho da puta?

Que mal poderia haver?, pensou Khankar, quando conseguiu parar de rir. Se o remoto estivesse minado, como sua intuição parecia indicar, a megera pagaria a língua. Se não estivesse, ora, Khankar sempre poderia dizer que não havia prometido nada.

Por que não?

– Pode tentar.

Khankar se levantou junto com ela. Ele não sabia se haveria algo dentro do robô que pudesse ser usado como arma, mas queria estar preparado, se fosse o caso. Mesmo assim, manteve-se à distância.

A mulher tomou o pássaro nas mãos, virou-o com a barriga para cima e tocou uma seqüência de pontos ao longo do eixo maior do corpo. Um painel se abriu, revelando dois botões, um amarelo e um vermelho.

De repente, Khankar se lembrou de que estava com muita sede, há muito tempo.

A mulher pressionou o botão vermelho.

E Khankar morreu. Outra vez.

A música ambiente pôs Alencar novamente em contato com a realidade externa, imediata. Quantos dos minutos anteriores ele estivera – o quê? desacordado? delirando? alienado em si mesmo? – seria difícil dizer.

Alencar estava em pé. Pela janela do Gafanhoto, ele viu que a cerimônia já havia começado. A família, os amigos que ele matara – não, que a *doença* em sua mente

havia matado – já estavam envoltos nos casulos de fixador e brilhavam, dourados, sob a aurora marciana.

Ao seu lado, junto à janela, Alencar viu uma mulher, jovem, de aparência compenetrada – talvez triste. Ele a observou por alguns segundos, fascinado, antes de perceber que não se lembrava de como havia deixado o jipe que o levava até entrada de Ares Vallis. Que não sabia realmente onde estava, nem como tinha chegado... Olhando ao redor, viu seu pássaro, seu guardião, deitado imóvel sobre uma mesa.

Pensando no que aquilo poderia significar, sentiu o pescoço rijo, as vértebras a ponto de estalar, um arrepio nos braços e um tremor nos ombros. Era como se o vento frio de Marte circulasse, agora, debaixo de sua pele.

Dirigindo-se à mulher, que olhava pela janela, em silêncio, disse:

– Olá?

Quando na verdade queria dizer: *Está tudo bem? Eu matei mais alguém?*

A música parou assim que ele abriu a boca. Sem tirar os olhos do vidro, a mulher sorriu de leve (haveria amargura no sorriso? Alencar não saberia dizer) e respondeu, adivinhando algo da verdadeira pergunta:

– Tudo em ordem. Seu guardião foi atingido por um raio, mas os sistemas de emergência assumiram o controle.

– Os automáticos?

Não, a mulher, que se chamava Maria e que havia apertado o botão vermelho horas atrás, pensou. *Não os automáticos*. Mas disse:

– Sim, os automáticos. As travas. Achemos você em coma.

– Graças a Deus – Alencar sente o que parecia ser o vento frio sob sua pele aquecer-se, escoar, desaparecer. *Khankar continua morto*.

Ao longe, ao sul, sobre a cratera antiga de Aram Chaos, a projeção tinha início. Hologramas de nuvens titânicas tomaram forma, pressagiando a tempestade futura que fará o Chaos transbordar encherá os canais de Ares Vallis.

Alencar ouviu trovões distantes. Ou seria apenas sua imaginação?

– Deve ser difícil para você – disse Maria.

Quando o silêncio se tornou incômodo, Alencar respondeu:

– Às vezes é. Mesmo com o pássaro, que se esforça para manter meu equilíbrio... Ainda assim, às vezes preciso me concentrar muito para entender que eu sou eu e ele é ele. Melhor, que ele não existe, é uma fantasia, um pesadelo... E depois para aceitar que todas as pessoas que ele matou eram reais.

– Todas.

A palavra veio de uma segunda voz feminina. Outra mulher, chamada Júlia, que Alencar ainda não havia visto. Antes que ele pudesse se voltar, ela já havia encostado na janela e perguntava:

– A dor que você sente, Khankar também sente?

– Khankar nem sabe de mim. Ele vive em seu mundo, seu Marte psicótico de tribos bárbaras, guerras intermináveis, princesas em perigo, julgamentos por combate e hordas assassinas. Isto é, vivia, até...

Alencar aponta para uma pequena mancha prateada no centro de sua testa, a parte visível do aparelho de pulso eletromagnético que retifica as sinapses, muda o curso do pensamento, ergue diques e barragens contra a loucura, amortece o remorso. Infelizmente, o aparelho não cabe todo em seu crânio: a filtragem final tem de ser feita num equipamento maior, a inteligência artificial contida no pássaro-robô-guardião.

– E como ele apareceu? – Júlia insiste.

Alencar ergue as mãos, em desalento:

– Bati a cabeça. Genes ruins. Toxinas. Radiação. Ninguém sabe.

As nuvens sobre Aram Chaos começavam a se dispersar, marcando os momentos finais da cerimônia. Ao se dar conta disso, Alencar percebeu que algo estava faltando:

– Não deveria haver um padre?

Júlia não respondeu. Em vez disso, deu-lhe as costas e saiu da sala.

– O padre já está lá fora – disse Maria, solícita.

– Lá fora?

Ela balançou a cabeça, confirmando:

– Tivemos um acidente com eletricidade. O traje se rompeu, e...

– Santo Deus – com a cabeça baixa, Alencar faz o sinal da cruz.

Será que é o pássaro que o torna tão religioso?, perguntou Maria a si mesma, antes de explicar:

– Júlia e eu somos diaconisas. As palavras, as palavras foram ditas, não se preocupe.

Alencar sentiu um certo alívio com isso, e então percebeu que estava com sede, uma sede antiga. Como se em resposta, um pouco de água lhe apareceu nos olhos.

Carlos Orsi (Martinho) é jornalista científico e figura carimbada do nosso fandom. Reuniu seus contos em uma coletânea, 'Tempos de Fúria', pela editora Novo Século, mas ainda nos deve um romance.

“A Fantástica Viagem de Augusto Emílio Zaluar”

de Edgar Indalecio Smaniotto

Ana Cristina Rodrigues

Talvez um dos melhores indicativos de uma produção literária em crescimento seja o aumento do debate acadêmico. No caso da Ficção Científica do (e no) Brasil, o número de dissertações, teses e ensaios surgidos nos últimos anos desmente as lamentações de que FC não tem futuro em nosso país, não possui identificação cultural e que é uma literatura alheia, sem raízes em nossa cultura.

O futuro só pode ser alvo de especulações, dependendo de diversas variantes e do trabalho árduo dos escritores e editores. Em termos de identificação cultural, os trabalhos de Adriana Amaral e Fábio Fernandes mostram que no mundo globalizado a cultura cyberpunk rodeia a todos, inclusive os brasileiros.

Outros trabalhos traçam na história da literatura brasileira o caminho que a Ficção Científica percorreu, desde o século XIX até os dias atuais. Nessa linha de pesquisa, a melhor opção bibliográfica é o livro de Roberto de Sousa Causo, ‘Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil: de 1875 a 1950’, que traça um panorama amplo da produção de literatura especulativa brasileira nesse período. Um dos melhores aspectos de toda a obra panorâmica como a de Causo é de apontar uma infinidade de rumos para pesquisadores que pretendam tratar de assuntos ou autores mais especificamente.

A pesquisa de mestrado em Antropologia de Edgar Smaniotto segue a linha de tratar um aspecto de um autor específico. Um dos grandes méritos do trabalho é justamente de fugir de autores óbvios, como Machado de Assis ou mesmo o mais conhecido Jeronimo Monteiro e dedicar-se a um autor menos conhecido, mas nem por isso menos intrigante. Outro aspecto que atrai na leitura do trabalho é justamente o fato de ser uma pesquisa não da área de literatura ou de comunicação. O foco antropológico traz muitos diferenciais, entre eles a ênfase na questão da alteridade.

A obra de Augusto Emílio Zaluar, o autor escolhido por Edgar Smaniotto, é um bom exemplo para tratar desse tema, fazendo com que o pesquisador tenha tomado uma decisão acertada ao definir seu escopo de trabalho. Infelizmente, a brevidade que as nossas atuais universidades impõe aos seus pós-graduandos, pressionadas pelas

agências de fomento, impediu que a dissertação pudesse estender-se a todos os aspectos possíveis da alteridade na ficção especulativa brasileira no século XIX, representada por Zaluar.

O trabalho dedica-se a formar um perfil de Zaluar, português radicado no Brasil e que exerceu várias funções, muitas vezes voltado à indústria, as letras e mesmo às explorações do interior ainda pouco conhecido do país. Assim, Smaniotto o associa à antropologia, ciência que se gestava naquele período, mas que se só sairia do gabinete mais para a virada do século XIX.

Foi nessa última função, como associado de uma sociedade geográfica, que recolheu subsídios para a sua obra mais extensa. O romance 'O doutor Benignus' trata de um naturalista estrangeiro que parte para o interior do Brasil onde encontra uma ilha misteriosa na qual cria uma civilização 'internacional', que é encontrado por William River, um antropólogo – assim chamado por Zaluar. Smaniotto vai comparar a atividade deste personagem com a de antropólogos reais que empreenderam expedições como Franz Boas e Malinowski, tornando Zaluar um visionário dessa ciência social.

O trabalho de Smaniotto discorre sobre as comparações entre relatos de viagem e a antropologia, centrando na questão do outro, que é o ponto central da dissertação e em grande parte das obras de Ficção Científica. Tanto que boa parte do texto gira não em torno de Zaluar, mas de outras obras em relação à sua, como H. G. Wells e Jules Verne.

O sexto capítulo pode ser considerado o ponto alto do trabalho, o centro para qual todas as explanações anteriores convergem, quando Smaniotto fala do alienígena enquanto mito cultural brasileiro, tendo este sido construído primordialmente por Zaluar. Nesse capítulo, usa trabalho de brasilianistas consagrados, como Elizabeth Ginway, Darcy Ribeiro e Sérgio Buarque de Hollanda e aponta para a nossa atual política internacional visando o Conselho de Segurança da ONU para desvendar "a existência e a manutenção de um verdadeiro mito do reconhecimento pelo outro (o estrangeiro), a fim de justificar nossa própria civilização e cultura". Aqui, mais do que apenas versar sobre a nossa Ficção Científica, Smaniotto fala sobre a ardida questão 'o que faz do Brasil, Brasil', mostrando que esse mito presente na nossa FC transcende a questão da literatura de gênero e perpassa toda a nossa cultura.

Os meus únicos poréns foram a ausência do trabalho de Tzvedan Todorov, um teórico tanto da literatura fantástica quanto da alteridade e da questão do 'descobrimento do outro'; e também a brevidade da dissertação. A obra de Zaluar e a qualidade do trabalho de Edgar Smaniotto mereciam muito mais.

Serviço

SMANIOTTO, Edgar Indalecio. A Fantástica Viagem de Augusto Emílio Zaluar.

Editora Corifeu. Para comprar:

<http://www.corifeu.com.br/comprar.asp?CODIGO=282>

Estação 607

Marco Bourguignon

O Transgalático Memorial I foi lentamente sugado pela gigantesca boca do vórtice giratório, que se assemelhava a um grande buraco negro. Não era negro, pois quando encarado de frente via-se a cor azul.

“Um buraco azul, um portal para casa!” Os cabos dos rebocadores foram removidos e a luxuosa espaçonave deslizou para dentro do turbilhão de luzes.

O Memorial I, propriedade da Cia. Imperial de Transporte Galáctico, fazia a rota estelar Silo I — Silo II, a mais lucrativa do Império Gaillard. Levava passageiros para as colônias de Silo II e voltava para Silo I carregado de minérios e produtos alimentícios, às vezes com alguns Retornados, colonos fracassados que usaram os últimos trocados para a passagem.

Elza olhou fixamente para o buraco azul e soltou algo parecido com um suspiro de saudade. Não era saudade o que estava sentindo, não tinha qualquer memória do seu planeta; na verdade, não sabia nem qual era ou se tinha um planeta natal. Andou procurando em seus dados, mas encontrou um bloqueio nas informações. Algo nas subrotinas que a obrigava a recuar sempre. Só encontrava as memórias recentes, que mesclavam com os dados da estação. Nada sobre a sua vida...

Acionou os comandos para os rebocadores retornarem às plataformas. Eram três espaçonaves que serviam para levar os cargueiros até a entrada do túnel. Elas tinham a força necessária para escapar da gravidade do buraco.

Era mais uma espaçonave que atravessava o portal. Em noventa dias, emergiria do outro lado do túnel, no Sistema Planetário Silo I.

Observou o cargueiro desaparecer envolvido em luz. Acionou os códigos para fechar o buraco. O vórtice foi diminuindo a velocidade de rotação até parar por completo. O buraco azul desapareceu, dando lugar ao espaço e às estrelas.

Aquela era a última espaçonave. Tinha despachado três para Silo I, todos cargueiros de grande porte. Verificou no mapa da base de dados quando seria a próxima

abertura do portal. Setenta e duas horas padrão. Armazenou os dados transmitidos na última abertura. Não sabia quem ou o quê atravessaria o túnel. Era sempre uma surpresa. Gostava de tentar adivinhar a quantidade de espaçonaves e o porte de cada uma. Não, não tinha a mínima idéia. Se houvesse alguma espaçonave para entrar no túnel já deveria estar na estação. Não haveria nenhuma. Como também não houve nenhuma saindo na última abertura.

Sondou todos os horários de abertura e percebeu que nada havia sido alterado nos últimos três meses. Neste ponto, o sistema era perfeito; dificilmente havia alterações significativas. Somente o número de espaçonaves vinha diminuindo a cada buraco. Esse também não era problema seu. Tratou de comandar a manutenção preventiva da estação. Acionou os robôs para todas as tarefas, desde grandes e pequenos reparos, à limpeza em geral. Eram dez ao seu comando. Aproveitou o tempo para passar em revista toda a estrutura. Seus olhos podiam se comunicar com os quatro cantos da Estação: a plataforma do atracadouro, o centro de comando, o hotel dos viajantes e o portal. As três primeiras estruturas eram interligadas, somente o portal ficava isolado. Os robôs seguiam nos rebocadores para fazer a manutenção do portal.

Resolveu "desfragmentar" os cristais de dados.

O bom era que podia estar em todos os lugares da estação ao mesmo tempo, com os seus olhos espalhados por toda a estrutura e os seus braços e pernas eram os robôs.

Havia um lugar que gostava muito de visitar, o hotel dos viajantes. Era nele que encontrava outras vidas e também a sua própria. Mesmo com os sítios vazios sentia a presença de vida. Quando habitados, ficava a perscrutar a individualidade alheia.

Parou os olhos num pequeno objeto sobre a cabeceira de uma cama. Deu ordens para o robô 7 se aproximar. Ampliou as lentes para uma visão melhor do objeto. Um porta-retratos. Observou o casal abraçado embaixo de um belo luar. Parecia um luar, mas podia ser algum planeta na fase cheia. O que mais chamou atenção foi o sorriso estampado no rosto do casal. "Apaixonados!" Verificou no seu banco de dados a idéia. Sabia perfeitamente o que era ficar apaixonada. Era o sentimento que sentia pela tenente Merine. Isso também era paixão. Absorveu a palavra e armazenou em um local de fácil acesso. Sondou a memória e encontrou no quarto 219 os atos que definiam paixão:

"O comandante se virou e sussurrou no ouvido da engenheira: 'Eu estou apaixonado por você!' A jovem abraçou e beijou o comandante intensamente. (Sexo, sexo e sexo)."

Aquilo era bom! Podia captar nos sensores espalhados pelo quarto toda a vibração do ato sexual. Vasculhou os outros apartamentos à procura da paixão. Onze apartamentos vibrando com o ato sexual. Armazenou tudo cuidadosamente, cada percepção, e agora podia repetir tudo quantas vezes desejasse. Havia um apartamento com dois casais em troca. "Paixão dupla", deduziu. Como não tinha memória das suas paixões, no seu passado, antes da estação? Não lembrava de nada, somente da tenente Merine. O que tinham feito do seu passado? Tentou "acessar" o conteúdo oculto, mas foi proibida de ir além.

"Acesso negado. Você não tem permissão para entrar nessa área." Era a mesma coisa que: "Caia fora!"

O robô 7 recolheu o porta-retratos para levar ao descarte, junto com vários objetos esquecidos pelas tripulações das últimas espaçonaves. Era triste destruir uma quantidade significativa de objetos pessoais, com um forte conteúdo de sentimentos e histórias. Mas não havia como fretar uma espaçonave para devolver tudo aos seus donos, espalhados em quatro sistemas planetários. Cerca de dez planetas habitados... Elza entrou num pequeno "loop" de divagações, mas logo ficou atenta a um sinal de alerta da torre central.

Três espaço-caças se aproximavam. Modelo T203 espaço-espaço. Estabeleceu, com sucesso, contato com o computador de bordo da nave capitânia. Um programa simples, capaz apenas de enviar o sinal de identificação e cuidar da vida do piloto. Era um sistema velho, que não era capaz de programar um plano de vôo. O piloto entrava manualmente com os dados. Identificou o caça como sendo a espaçonave da tenente Merine.

— Espaçonave capitânia... — números e letras de série que Elza já havia identificado —, estabelecendo rota de aproximação. — Era a linda voz da tenente, sua paixão.

Elza respondeu concedendo permissão.

Os militares da Guarda da Borda de Silo II sempre faziam essas patrulhas próximo à estação. Ficavam dando suas "voltinhas" e "acessando" os registros. Claro que não enviava todos os registros, mas somente os liberados pela companhia. Havia segredos que não desejavam compartilhar. Geralmente os militares queriam obter os dados das espaçonaves que entravam e saiam do sistema. Mas nem todas eram registradas, por isso nunca tinham os dados corretos. As espaçonaves piratas, por exemplo. Se fossem registradas nos sistemas não seriam piratas. O certo era que havia grandes somas envolvidas nas transações.

O que mais chamava a atenção de Elza era que as patrulhas tinham se intensificado. Antes vinha apenas um espaço-caça; agora, enviavam três em formação. Alguma coisa estava acontecendo ou em vias de acontecer — suspeitou.

Voltando a tenente Merine, sua paixão. Ela sempre fazia a patrulha na estação. Vinha sozinha na maioria das vezes. Estabelecia contato, capturava os dados que precisava, circundava duas vezes as estruturas e voltava à base.

Os militares da Guarda ficavam estacionados no planeta Maroc. Na verdade, um planetóide sem vida, uma rocha circulando a estrela Silo II em 24 anos padrão e a si mesma em 6 horas padrão.

Da estação, Elza, podia ver as luzes tênues das espaçonaves e das construções militares. Em 2 horas, podiam ir e voltar a Maroc. Ou seja, podiam numa emergência se aproximar da estação em menos de uma hora, tempo suficiente para interceptar uma espaçonave que se aproximasse de Silo II e da estação. O sistema de vigilância, com bases e radares, era eficiente.

Os três espaço-caças se aproximaram, fizeram as voltas e retornaram à base. Elza lembrou quando forçou a tenente Merine a pousar na estação. Desde o primeiro contato ficou curiosa para conhecer a piloto. Ainda não estava apaixonada, mas em vias de estar. Entrou no sistema do espaço-caça e simulou um estado de pane nos controles. Isso era muito fácil de se fazer com uma máquina burra como aquela, sem a mínima proteção. A tenente estava numa situação difícil, pois perdera o controle de vôo. Poderia voltar à base às cegas, já que a espaçonave permitia a pilotagem manual. Foi Elza que sugeriu um pouso na Estação e toda a assistência.

Elza tinha todos os aparatos para fazer qualquer manutenção. A tenente não pensou duas vezes: era melhor fazer um pouso de emergência do que tentar voltar sem segurança. Poderia usufruir de toda a hospitalidade da base. Preparou uma suíte com piscina, hidromassagem, sauna e um bom serviço de quarto. Elza reteve a tenente por três dias. Só a liberou, pois havia outras espaçonaves a caminho da estação. Colocou de volta uma cópia perfeita do programa da espaçonave, antes de provocar a pane, e pronto!

Durante a estada forçada, Elza monitorou, da sua sala de comando, todas as atividades na suíte da tenente. Foi a partir dessa brincadeira que surgiu uma paixão avassaladora. Transformou a piloto numa princesa. Os robôs estavam sempre prontos para agradar e servir. Merine adorou tudo.

Nada foi em vão, pois o contato estabelecido, logo no primeiro dia, foi maravilhoso para Elza. As duas conversaram muito.... quando tudo aconteceu:

Merine entrou na suíte e tirou a roupa espacial. Revelou um corpo encantador. Elza vasculhou no banco de dados e nunca tinha visto tamanha beleza. De todos que havia passado na estação, nenhum corpo se igualava àquele. Uma pele azul suave, quase branca. Todas as outras peles eram de tons mais escuros. Tentou definir a etnia da tenente, mas não a identificou como gaillardiana. Somente os galvanianos possuíam aqueles traços e aquele tom de azul. Mas eles estavam extintos do Império, apesar de alguns dados conflitantes informarem que alguns haviam conseguido escapar da Grande Limpeza Étnica, fugindo para algum canto remoto do espaço. Talvez Merine fosse alguma espécie mestiça. O certo era que nunca vira tamanha beleza. Corpo delineado em curvas bem traçadas. Cabelos curtos, à altura da nuca, como usavam as pilotos. Olhos verdes, seios pequenos e redondos, asas com mais de dois metros de envergadura cobertas de penas brancas, pêlos pubianos transparentes, a bundinha arrebitada, coxas musculosas e braços fortes... Arquivou todos os dados nos cristais para futuras referências.

Merine sentiu a água quente da banheira e pediu para esfriar um pouco. Elza reduziu a temperatura, até a moça dar um sorriso de satisfação. Acompanhou todo o ensaboar. Foi nessa hora que viu a mão da piloto escorregar e alcançar o ponto que gerou muita satisfação para ambas. Elza disparou todos os terminais para captar os sentidos. Podia monitorar sensorialmente o cérebro e o corpo da piloto. Tratou de

participar de tudo, enviando mais dados de prazer apreendidos de outros hóspedes. Podia transmitir mais vibrações e sensações para Merine. Não era um prazer solitário. Elza estava lá na suíte, participando, beijando, acariciando... Ambas nunca tinham experimentado tamanha transmissão de prazer. Não havia sido igual às outras vezes, quando Elza apenas captava e arquivava sentidos, ela agora podia transmiti-los também para a outra pessoa. Merine tinha algum poder oculto na mente capaz de interagir com Elza.

As sensações, as sensações... Os dados obtidos circulavam por todo o sistema. Foi obrigada a isolar aquela particularidade para não sobrecarregar as outras funções. Armazenou num canto particular de suas memórias. Nunca houve um contato como aquele. Elza percebeu mais tarde que Merine foi capaz de invadir, com a mente, todos os dados da estação. A penetração foi em duas vias. A estrutura orgânica da piloto tinha um poder fantástico de interagir com os sistemas.

Elza concluiu que Merine só procurou por alguns dados relativos à segurança da estação. Não pôde impedir a cópia de informações para a estrutura orgânica. Estava imobilizada. Somente pôde sair do congelamento após iniciar os procedimentos de emergência: limpou a memória volátil e acionou as redundâncias armazenadas. Toda a estação ficou em pane durante alguns poucos segundos, mas nada que compromettesse a estrutura. Houve apenas um apagar e acender de luzes. Guardou segredo do ataque ao seu sistema. Resolveu excluir todas as informações sobre a invasão da piloto. O que Elza não percebeu foi que aquelas tinham sido ordens implantadas no sistema por Merine.

Elza olhou para o espaço vendo os três espaço-caças se distanciarem. Havia um silêncio e um vazio na escuridão. Voltou uma de suas câmeras para as duas estrelas gêmeas do Sistema Silo II. Rodopiavam uma envolta da outra, formando uma luz única: amarela, vermelha, amarela, vermelha...

Uma transformação profunda estava se processando dentro de Elza, desde o contato com a tenente. "Questionamentos", que até então não haviam surgido, sobre o passado, sobre suas funções e sobre a sua solitária vida. A solidão, até então, era apenas uma palavra armazenada no seu banco de dados. Agora se tornava apreendida. A mente da tenente havia transferido informações que ficaram armazenadas e sobrepostas a todas as outras. Um leque de informações, que teimava

surgir a todos os momentos. Memórias que ela não tinha: família, amor, sentimentos, raiva... Essa nova visita da tenente acionou um comando que abria as perspectivas para a grande força do Universo. Elza a chamou de espírito. Estava pronta para receber o espírito.

Gill Anns estava a dez dias viajando na Amor Perfeito II. Vinha do centro do Sistema Silo II, mais precisamente, da quinta órbita, do planeta Verde, onde ficava instalada a filial, Silo II, da Cia. Imperial de Transporte Galáctico, ou melhor, da CITG, empresa que trabalhava há quase dez anos como Analista de Sistema Duol IA, utilizado nas Estações Portais. Vinha espremido na espaçonave junto a dois tripulantes e uma passageira.

A Amor Perfeito fora projetada para seis indivíduos, mas a quantidade de equipamentos a bordo a tornara desconfortável. Caixas e mais caixas lacradas espalhavam-se pelas cabines e corredores. Não tinha saída, era o único tipo de transporte disponibilizado pela companhia em Silo II.

Fizeram uma escala na lua de Tretisian para manutenção, pois na metade da viagem a espaçonave apresentou defeito nos propulsores B9X. Usaram os auxiliares até encontrar um porto seguro. A viagem atrasou em dois dias.

Jin, o piloto, e Creno, o co-piloto, jogavam Tabuleiro Espacial enquanto o computador de bordo guiava a espaçonave no automático. Jin era o proprietário da Amor Perfeito. A escala forçada fora providencial. Queriam satisfazer as necessidades sexuais, enquanto os propulsores eram consertados com peças de segunda mão. Na lua de Tretisian a prostituição era quase institucionalizada. O Império proibia a prática, mas em colônias remotas as autoridades faziam vista grossa, ainda mais quando rolava um dinheiro por fora. O alívio foi imediato e não tão caro. Podiam contratar ótimas mulheres rechonchudas e com asas perfeitas, sem nenhum sinal de atrofia, acometidos aos que vivem sem gravidade.

Kith, a assistente, tomava banho depois de ter feito amor com Gill; aliás, sexo foi o que mais fez nos dez dias a bordo. "Sexo aos gritos". Fazia amor gemendo alto e sem qualquer pudor com as palavras. Conheceu Gill há cerca de dois anos, quando veio

transferida da sede em Capital. Ambiciosa, viu que sua única chance de crescer profissionalmente na CITG era viajar para uma filial em alguma colônia distante. Deixou a água escorrer para o “reciclador”. Riu ao pensar que reutilizaria a água do banho. Poderia beber a mesma água que lavava o seu corpo. Torceu para que o “reciclador” funcionasse perfeito, pois do seu corpo só saia sujeira. Riu novamente com a metáfora.

Kith era separada de um funcionário público, despachante de identificação em Capital. Uma relação que durou quinze anos padrões. Tinha uma filha, fruto de uma aventura extraconjugal com um soldado da Força de Defesa Imperial. Não conseguia acreditar como todos os métodos anticonceptivos haviam falhado.

A menina havia ficado em Capital com o despachante, que tinha assumido a paternidade, mesmo sabendo da traição da ex-esposa. Kith não escondeu que a menina não era filha dele. Um exame de DNA comprado numa das farmácias de Capital comprovou isso. Não se importou, mesmo depois que Kith abandonou os dois fugindo para uma das colônias do Império. Ninguém sabia o motivo desta fuga. Alguns chegaram a comentar que ela devia ter ido atrás do soldado amante. Mas, na verdade, ela estava sufocada com a vida e o marido perfeito. Foi atrás de sua carreira e de aventuras.

Conseguiu entrar na CITG por méritos próprios, um pequeno concurso, um estágio e, por fim, o emprego. Ainda não estava casada quando conseguiu o cargo de secretária auxiliar da administração no departamento de cargas. Kith apaixonou-se por Gill logo na sua primeira semana em Verde, quando assumiu o cargo de secretária auxiliar da diretoria da filial de Silo II. Ele a convidou para jantar. Não recusou. Logo veio a se tornar secretária adjunta do diretor do sistema de portais de Silo II. O próprio Gill a fez subir de cargo. Foi em Verde que a sua beleza e sedução permitiram alcançar os altos escalões da companhia e descobrir como a corrupção rolava. Queria chegar à diretoria e não tinha importância o preço. O poder a fascinava, muito mais que a sedução do dinheiro.

Gill estava na cozinha preparando algo para comer quando foram anunciados os procedimentos para atracar na estação. Sempre sentia fome depois do ato sexual. Na verdade, olhando para o seu físico, gordo, dava para notar o tamanho da fome. Vivia

buscando comida. Era um analista de sucesso. Diretor do sistema de portais de Silo II, uma divisão da CITG responsável pelas três estações implementadas pela empresa monopolista. Ganhava um dos maiores salários da companhia e se reportava diretamente ao presidente da empresa, o arrogante Durn Zulun, apesar de ser subordinado à Diretora Geral de Silo II, a Sra. Ernita Krall. Isso significava que a Diretora Geral não se envolvia nos assunto do Sistema de Portais.

Uma hora depois, o sinal de aproximação do destino soou.

“Preparar para iniciar a desaceleração e os procedimentos para a atracação.” — Avisou a voz metálica do computador de bordo. O sintetizador de voz era antigo e não simulava com perfeição a voz humana.

Jin encerrou o jogo com raiva, era a primeira vez que estava na vantagem contra o co-piloto e próximo da vitória. Xingou alto a mãe de alguém e sentou nos controles, sacudindo freneticamente suas asas negras.

— Podemos continuar o jogo em outra hora — avisou Creno, se levantando.

— Claro que podemos, mas provavelmente ficarei sem a concentração necessária — xingou novamente. — Atenção! Todos os passageiros devem se dirigir aos seus assentos e colocar os cintos... — o piloto anunciou os procedimentos para desaceleração.

— Devem estar trepando — disse Creno com um sorriso debochado. — Ela é bem gostosinha!

— Deixa de ser tarado e colocar olho grande na mulher do outro — repreendeu o piloto. Olhou fixamente para os painéis.

— Vai dizer que não queria dar uma trepadinha na puta?

— Porra! — gritou Jin. — Vai lá verificar se eles estão amarrados nas cadeiras. — Voltou a se concentrar nas leituras dos controles.

A viagem era muito chata, pois a Amor Perfeito era uma espaçonave pequena e lenta,

comparada às espaçonaves intergalácticas que faziam o percurso em um dia e meio. Mas não podia se dispor de uma daquelas gigantes para a missão. Não havia ninguém na rota, pelo menos antes de vinte dias padrão.

Vamos voltar ao passado antes de embarcarem na Amor Perfeito. Gill estava em sua sala na cidade de Krenn, capital de Verde. Olhava com reflexão a bela paisagem da floresta que cobria todo o planeta. O sol duplo brilhava, pulsando no horizonte. Lá fora, parecia haver uma ventania eterna. Via as copas das árvores balançarem. Suas raízes deviam ser bem firmes para agüentar tamanha ventania. Algumas vezes, via galhos subirem até a sua janela, no décimo quarto andar. Diziam que lá fora reinava um mundo selvagem com criaturas perigosas e animais famintos. Nunca tinha se aventurado a sair dos tubos da cidade, mas pensava em um dia fazer uma aventura de exploração. Uma grande caçada. Queria voar além dos limites seguros. Sacudiu as asas e sentiu que elas estavam "enferrujadas". Teria que exercitar muito para voar numa caçada. O sedentarismo dos escritórios e das viagens espaciais estava atrofiando suas asas. Desviou seus pensamentos das aventuras para atender Kith, sua secretária.

— Doutor Arns, tem uma mensagem urgente e criptografada no terminal vermelho. Creio que deva lê-la agora!

Gill observou que a secretária usava maquiagens muito forte e a fazia parecer uma boneca.

— Sim, pode enviar para o meu terminal. Deve ser algo da matriz em Capital.

Ele sabia que era uma mensagem do presidente da companhia, somente ele usava o terminal vermelho. Era algum problema. Geralmente, mandava recados pelos subordinados e usava o terminal azul. Começou a suar frio enquanto via a barra de transferência deslizar. Pelo tamanho da mensagem, continha imagens. O negócio deveria ser grave. Digitou sua senha de segurança e verificou a assinatura. A imagem de Durn Zulun, presidente da companhia, surgiu no terminal com a sua característica expressão de arrogância. Ele era o demônio em pessoa. Estava irritado quando gravou a mensagem. Não era para menos, os problemas que estavam acontecendo eram

muito graves. Gill Arns percebeu que a sua cabeça estava a prêmio. "Uma questão de Segurança Imperial" — gritava o presidente do outro lado "os militares já estavam se mobilizando, não quero que se intrometam nos assuntos da CITG". Os olhos vermelhos de Zulun pareciam sair das órbitas.

Gill abaixou a cabeça e, pela primeira vez, deixou de pensar no amor que tinha por Kith e na bela transa dada na Sra. Ernita Krall na noite anterior. Ficou preocupado com a sua polpuda conta no Banco Imperial em Capital.

— Embarque imediatamente... — terminou Zulun a sua mensagem, com o famoso gesto de cruzar os braços sobre os peitos e abrir as gigantescas asas negras.

Tratou de transferir uma parte do seu dinheiro para uma conta secreta em nome da irmã. Zulun era tihoso e poderia derrubá-lo com apenas um sopro de raiva. Não tinha culpa dos ataques terroristas. Na verdade, tinha culpa sim, a segurança do sistema era sua responsabilidade. Havia recebido dos agentes informações importantes que poderiam neutralizar o ataque, mas resolveu não usar a verba de segurança. O que fazer quando sua competência chegava ao limite? Abriu uma das gavetas de sua mesa e tirou um pequeno frasco, despejou o conteúdo em sua mão e cheirou todo o pó. Agora estaria melhor! Sentiu o corpo leve e relaxar. O Oddi era a droga do amor e do bem-estar, além de não deixar o corpo envelhecer, pelo menos na aparência física. Fixou um ponto na parede e deixou as imagens se formarem na mente. Sentiu-se voando nas correntes seguras e artificiais de ar de Capital. O seu mundo artificial e seguro.

Gill olhou pela janela e percebeu que a espaçonave estava em órbita da estação às escuras. O piloto procurava um local para atracar. Kith colocou no colo o computador portátil e começou a fazer uma análise.

— Nenhum sinal. Parece morta! — avisou Kith.

— Bem, os chefões suspeitam de sabotagem. — A palavra chefões soou estranha, pois ele era um deles. — Um ataque terrorista — concluiu.

— Os militares estão a bordo da estação.

— Devem ter assumido alguns pontos estratégicos. Estavam doidos para intervir. Entre em contato com eles e vê se descobre alguma coisa. — Gill mirou os seios da secretária subindo e descendo numa respiração suave. Bonitos!

— Eles não conseguiram abrir o portal, nem usando os sistemas de emergência. Parece que está tudo travado — Kith levantou os olhos cansados. Gill era um monstro na cama e não a deixava em paz. Tinha que descansar muito, seus reflexos e poder de raciocínio estavam lentos. Era o preço que tinha que pagar.

— As três espaçonaves que vinham pelo túnel? — perguntou, espantado ao perceber a tragédia.

— Duas naves que estavam no túnel vindo para Silo II foram desviadas para a Estação Portal 608, do outro lado do Sistema. Infelizmente, um transgaláctico com dois mil colonos ficou perdido na zona negativa do túnel — leu os dados no terminal.

— Meu Deus! Devem estar à deriva na zona negativa. Horrível! Não houve tentativa de resgate?

— A CITG usou todos os recursos, mas a espaçonave perdeu a comunicação quando o portal não abriu. O transgaláctico estava muito próximo da saída e o vácuo o sugou para além do túnel — Kith desligou o terminal e encostou na cadeira. Não estava nem aí para a tragédia. Sabia que seria o fim do seu chefe, só esperava que nada sobrasse para ela. Tinha provas suficientes para mostrar os desvios das verbas de segurança, não hesitaria em entregar tudo ao poder central da CITG. Queria o lugar dele.

Kith ligou novamente o terminal e tentou mais um contato, mas Elza não respondia. Morta! Apagada!

A Amor Perfeito conseguiu atracar. A tenente Merine foi a oficial que recebeu os passageiros. Era a comandante da operação de investigação. Estava cética quanto aos procedimentos da companhia. A equipe militar já havia descoberto a sabotagem no sistema, mas não definido as causas. Sabia que eram incompetentes e a sabotagem terrorista ficaria em segredo. Um ponto para ela. Observou o gordo do Gill com

desdém e soberania. Ele tremeu com aquele olhar de águia. A tenente parecia ler seus pensamentos mais sórdidos.

“Será que ele tinha alguma coisa, além da sacanagem?” — pensou a tenente sem desviar os olhos de Gill. “A sabotagem perfeita, sem deixar nenhum vestígio!”

Kith conectou o seu computador na base de dados de Elza”. Descobriu que não havia nada lá. Pensou na hipótese de vírus, mas quem poderia ter colocado?! O sistema era seguro e ninguém poderia "acessar" a inteligência fazendo Elza se auto excluir. Até as redundâncias haviam sumido. Observou apenas um arquivo com uma mensagem de Elza:

"Hoje, descobri que não era nada. Sem passado e sem futuro, numa solidão profunda. Sem vida, apenas bits, apenas um programa!"

Marco Bourguignon é brasileiro, formado em Comunicação Social e Sociologia, professor e editor da Scarium Megazine. Participou da antologia "Melhores Escritores do Rio de Janeiro" e apareceu no "Painel Brasileiro de Novos Talentos".

Véu da Verdade

de J. M. Beraldo

Fernando S. Trevisan

Primeiro livro de Beraldo - que trabalha atualmente com o game Taikodom¹ - "*Véu da Verdade*" trata da reunião improvável de um grupo inusitado de "aventureiros espaciais", cada um com objetivos muito próprios, na nave de Gerard, um mercador. Daí em diante, é ação, reviravoltas e descobertas constantes, em uma trama com premissa inteligente e desenvolvimento rápido, estilo "*Space Opera*".

Na primeira metade, somos apresentados ao Universo como ele é no ano de 2083. Conhecemos a situação política, comercial, militar e somos apresentados aos personagens. É nesta primeira metade do livro que há um escorregão de inexperiência do autor: muitas explicações e descrições, em alguns pontos tornando a leitura bastante cansativa.

Há uma miríade de personagens coadjuvantes mas com participações importantes na trama - além do misterioso, voluntarioso e explosivo capitão-mercador Gerard e de seu antagonista, Arturo - um dos melhores matadores do Universo, contratado para dar cabo do capitão por motivos que não vou entregar, para não estragar a surpresa.

Alguns exemplos dos coadjuvantes são Awerg, a Inteligência Artificial eficiente que comanda a nave Lucille - mas que considera os seres orgânicos em geral um desperdício; L'yy, um alienígena aracnídeo, mas com o tronco no estilo de um centauro, que faz as vezes de médico - não apenas de humanos, mas de robôs e inteligências artificiais, também; e Flávia, uma bióloga brasileira que tornou-se caçadora devido à falta de oportunidades em sua profissão.

Vencida a primeira metade, de apresentações, descrições e explicações, o livro entra em um crescendo de qualidade. Beraldo dá vida aos personagens, torna-os mais reais e as reviravoltas da trama são interessantes, mantendo o leitor pregado nos acontecimentos, querendo saber onde tudo isso vai dar.

A temática e o estilo de Beraldo para este livro fazem com que o público-alvo que me venha à cabeça seja o infanto-juvenil; não há uma tentativa de fazer algo mais profundo, personagens mais realistas. A idéia - pelo que entendi - é um grande *tour*

de "*Space Opera*" com humor e sacadas inteligentes. Algo que pode atrair o jovem para a FC brasileira e agradar ao leitor adulto, que desejar algumas horas de bom entretenimento sem grandes questões científicas e/ou filosóficas.

A capa ajuda a passar a impressão de algo infanto-juvenil, com sua arte estilo quadrinhos/game. Para um livro publicado por uma editora (e não de forma independente), a encadernação e projeto gráfico são ruins, sendo a tipografia da capa - com um contraste péssimo na palavra "véu", que quase some - um destaque ruim.

Voltando à história, o "crescendo" na segunda metade é importante para a qualidade do livro - e da experiência do leitor. É uma amostra de que o Beraldo é um ótimo escritor com potencial para obras ainda maiores e melhores que esta estréia - que, é bom frisar, não é ruim. Durante a leitura da primeira metade, foi impossível evitar um sentimento de "*calma, não explica tanto, vai devagar com essa história e faz os personagens mais reais, mais críveis!*"

Na segunda metade é impossível parar para pensar. A história torna-se tão envolvente, que você segue lendo, querendo saber como tudo aquilo vai terminar. E termina bem - muito melhor do que começa. A análise final é: recomendado! Porém menos explicações e um desenvolvimento mais "suave" da história como um todo (caracterização de personagens inclusa) poderia tornar tudo ainda melhor.

¹ é um game on-line, social, com temática de ficção científica e que se pretende bem realista, em termos de ciência. Inova por ser um dos poucos, senão o único, RPG on-line onde *todos os jogadores estão no mesmo "espaço" ao mesmo "tempo"*. Na maioria dos games, é necessário escolher um "servidor" onde jogar e, assim, amigos podem jogar o mesmo jogo mas não se encontrarem, por usarem servidores diferentes. Um detalhe importante: o game é desenvolvido por brasileiros! Confira em www.taikodom.com.br

Serviço

BERALDO, J. M. Véu da Verdade. Editora Eridanus Para comprar:

<http://www.veudaverdade.com/>

AS DUAS FACES DA SORTE

Alexandre Lancaster

Vá ao espaço e faça fortuna, mas não esqueça de levar sua arma antes. Baltasar Leme jamais foi besta e sempre levou esse conselho a sério. Se ele se meteu em encrenca dessa vez, a culpa começa com a letra "M" e termina com "ulher": Depois de ficar meses no meio do nada, buscando ouro e pedras preciosas – em especial o grande tesouro que resolveria de vez sua vida, como ele não se cansava de repetir – era óbvio e ululante que o rapaz estava altamente suscetível a um rabo de saia. Assim, não se perguntou se não haveria algo errado no fato daquela linda moreninha, dezesseis aninhos presumíveis e com todos os dentes na boca, dar trela a alguém fedendo a suor, carne do bicho alienígena da vez e àquela inhaca com que os módulos de exploração costumavam ficar após meses de viagem no meio de florestas planetárias de todos os tipos.

Não precisa dizer que o papo terminou na cama. Durante o sono, a moçoila furtou sua arma, abriu a porta e deixou que dois capangas – um deles, um alienígena de algum mundo que Baltasar jamais visitara, de olhos pretos e coberto de uma imensa pelagem que escondia o desenho do seu corpo; o outro, um humano qualquer, com a cara amarrotada de rugas – entrassem no quarto cheio de carrapatos (que aliás eram uma praga naquele planeta, trazidos desavisadamente pelos colonos humanos que chegaram em naves imundas). O bicho peludo segurou Baltasar com força, acordando-o com o susto. O sujeito com cara de toalha enrugada o esmurrou na boca do estômago. "Bom dia, Cinderela", disse com uma voz amarfanhada. A dor fez o jovem amolecer de vez. Mas estava lúcido o suficiente para se sentir idiota. A moça vasculhava a enorme mochila que ele carregava. Instrumentos de prospecção. Palms com mapas, de diferentes mundos. "Olha, pegamos um rapaz viajado", disse com um sorriso debochado. "Baterias de arcabuz. Até, pasmem, roupas limpas. Tudo material bom. Fizemos a fêria da semana."

– O que a gente faz com ele?

– Ora – disse a moça, sem esconder a satisfação – "injeta logo o bagulho e deixa o infeliz dopado por uma semana. Depois desovem no outro lado da mata. Estão vendo isso?" – e em um gesto imediato segurou a bateria de arcabuz para que todos a vissem. Já não parecia mais tão contente. "Ele tá com as baterias, mas não tem nenhum arcabuz por aqui. Não acho que ele esteja sozinho e não quero confirmar isso

com uma arma apontada pra minha cabeça, fui clara?”

O “bagulho” era uma dose enorme de trimetadonômio. Se ele sobrevivesse, ficaria durante dias em um estado similar à embriaguez extrema. **Se** sobrevivesse.

De repente, a porta explodiu num forte chute que a arrombou de primeira.

Um rapaz pouca coisa mais velho do que Baltasar segurava um arcabuz com as duas mãos, caminhando velozmente sobre a porta que acabara de derrubar. O homem com rosto amarrotado puxou uma lâmina para arremessar diretamente no crânio do invasor, mas antes que pudesse projetar o braço, a mão que empunhava a faca caiu para trás, separada do corpo por outra lâmina arremessada. O braço subitamente passou a esguichar um jato de sangue que enlameava lençóis, paredes e o chão de vermelho. Um grito agudo como o de uma sirene começou a se fazer ouvir por todos os outros quartos daquele pulgueiro, fazendo com que as pessoas fugissem do jeito que estavam. Não que fossem muitas. No quarto, Baltasar havia sido largado pela criatura peluda, agora correndo em direção ao homem que, da porta, atirou a faca que mutilara seu companheiro.

Somente o arcabuz poderia dar conta dele.

O grandalhão peludo urrou, mas se manteve de pé. Um tiro não seria o suficiente – porque apesar da rajada ser altamente potente, consome muita energia a cada disparo. Mesmo assim, seus pêlos começaram a pegar fogo na altura do tronco e não pareceu se importar com isso. Baltasar, mesmo com o corpo molengo, segurou uma de suas pernas com força para que caísse – e rapidamente o atirador de facas puxou um pequeno tapete para abafar as chamas no corpo derrubado. Com o outro perdendo sangue até ficar seco, e a moça encostada na parede, sem reação, era só questão de, em grupo, se cobrir o oponente chamuscado de porrada com o que houvesse à mão. Ele desmaiou. A moça não parecia ser realmente ameaça.

Foi quando ouviram um barulho de vidro quebrando.

Era ela, tentando simplesmente fugir por uma janela estreita demais para que pudesse passar, o que a fez tentar arrebentá-la de qualquer jeito no primeiro momento de distração dos três forasteiros. Seu azar foi o fato da madeira ser

resistente e de vidraças não quebrarem tão facilmente como nos filmes. Baltasar, irritado e desperto, puxou a moça pelo braço. Ela arranhou sua face com as unhas, e após um urro de dor, ele a empurrou com força. "Sua vagabunda! Eu vou..."

– Parado.

Era Belchior, seu irmão mais velho e teoricamente o segundo em comando da expedição – porque na prática, era a ele quem os demais escutavam. "Você foi o trouxa. E a menos que tenham te dominado antes, acho que você comeu *muito* bem essa noite, não?"

Era verdade. De repente, sentiu sua raiva diminuir. Olhou para ela, que o encarava agressivamente. "Bah, vamos ver se alguma coisa chegou a ser roubada aqui. E o corpo desses dois presuntos?"

– A gente conversa com o dono dessa espelunca. Com certeza ele não vai querer que o delegado do lugar apareça aqui e assuste as poucas almas que estão de passagem...
– disse Baltasar antes de olhar bem para a moça. Não para ela exatamente. Para uma pequena imagem de pedra esculpida, dependurada em um cordão no seu pescoço. Nada aparentemente importante.

Observou seus olhos e tipo físico. Um palpite lhe veio a mente.

– Qual é o seu nome?

A moça, com um olhar de desprezo, não respondeu.

– **QUAL É O SEU NOME, PORRA?** – disse, sacudindo seus ombros.

– Lamia – respondeu ela secamente.

– Nome Atalano. É o que eu precisava saber – e nisso, puxou o cordão que envolvia o pescoço dela, rompendo-o. Ela arregalou os olhos e gritou "Me dá isso de volta!"

– Considere uma paga por tentar roubar a gente.

- **Me dá isso!** – e instantaneamente saltou em direção ao pescoço de Belchior, para estrangulá-lo, enterrar as unhas na sua traquéia, talvez matá-lo em sua fúria. Nessas situações não tem papo: ele empurrou-a com força, fazendo com que batesse a cabeça na parede e apagasse.

– Você teve sorte, Baltasar.

– Como?

– Você foi burro. Uma moça bonitinha num buraco desses dando mole para você? Não acha que estava barato demais para não sair caro de alguma forma? Mas, dessa vez...

E ele brincou com o exótico medalhão rústico que estava em suas mãos.

– ... acho que você acertou na loteria.

Poucas semanas depois, Baltasar, seu irmão Belchior e seus demais companheiros estavam todos no planeta Atala. A explicação era: o medalhão que Lamia usava parecia tosco, mas Belchior, assinante da imorredoura *National Geographic Online* e tudo mais, reconheceu os padrões geométricos e até de marcação geográfica. Aquilo era entalhado com unidades de medida nativos dos Atalanos, povo hoje praticamente extinto por doenças trazidas pelos humanos. Só os descendentes dos que se mestiçaram – como a menina em questão – conseguiram sobreviver.

O resto foi fácil: como os símbolos – de acordo com os documentários que ele assistira – indicavam coordenadas compreensíveis (isso já havia sido decifrado), somente foi preciso algum tempo para que eles embarcassem seu módulo em algum cargueiro e cruzassem alguns portais estelares. Houve sorte extra aí: se ela carregasse aquele medalhão em Atala, o objeto passaria muito menos tempo em suas mãos – e o tesouro já teria sido localizado antes.

Como sabiam que era um tesouro? Novamente, simples: Atalanos usavam ouro e pedras preciosas em massa, nas suas construções – e ouro foi o motivo pelo qual a humanidade se espalhou pelo cosmo. Pouco antes das viagens espaciais terem se acessibilizado, qualquer pessoa com o conhecimento necessário poderia localizar

riquezas naturais pela *internet* a satélite. E como estas foram exploradas desde a antiguidade pelos humanos, o pouco que ainda restava serviu apenas para se fazer as últimas fortunas nascidas do extrativismo direto.

O resultado: quando o espaço passou a estar à mão, percebeu-se que as riquezas que um dia existiram na natureza terrestre ainda existiam na natureza de outros mundos. Inexploradas. E surgiu o sonho coletivo de viajar para outros planetas e voltar para Terra, rico. Sonho partilhado pelos irmãos Belchior e Baltasar.

Assim, seguindo os dados, eles localizaram uma caverna que ocultava uma pequena tumba a poucos metros de sua entrada. Pista falsa para saqueadores. Seguiram o caminho, guiados por seus *palmtops*.

Pararam.

Uma construção enorme se desenhava à frente de todos. Viram-se dentro de um enorme salão iluminado indiretamente por frestas que desciam do teto. Havia reflexos vindos delas – não era difícil imaginar que usassem caminhos internos repletos de espelhos para que a luz chegasse da superfície sem denunciar a existência do lugar. Em suma, finalmente haviam chegado ao Templo.

– Muito bem, o que vamos fazer?

– Já exploramos buracos como esse antes. Temos mapas. Alguém vai como batedor, nós vamos atrás.

– *Okay* – disse Baltasar – eu cuido do serviço dessa vez. Estou seco pra ver logo esse tesouro. Estou doido para resolver minha vida, ir morar na Terra, com grana o suficiente para viver sossegado...

– Primeiro a gente acha o ouro. Depois planejamos o futuro – disse Belchior, pragmaticamente. Baltasar puxou uma pistola de energia, sua velha ultrafaca de estimação, um cantil de couro de Gnarth, baterias de arcabuz e, claro, o próprio arcabuz em si. Jamais se sabe o que pode aparecer pelo caminho.

Seguiu em frente. Posteriormente os outros o seguiriam, à distância. Baltasar

acelerava o passo, excitado demais com a perspectiva de finalmente fazer fortuna. Às vezes gritava: “Estão me ouvindo?” “Positivo e operante”, gritava Belchior em resposta. E tranquilizado, seguia seu caminho.

De repente ouviu um barulho de balbúrdia. “Belchior?” – gritou.

– **Belchior?** – insistiu.

Foi quando, de repente, ele se deu conta.

Era uma silhueta gigante, quadrúpede e sombria que dominava o seu campo de visão.

Uma boca aberta, úmida e de língua pulsante, cravejada de lâminas branco-amareladas. Um odor que remetia a mofo e a esterco.

Era um *astacar* – uma fera carnívora muito similar a um dragão de komodo terrestre, que podia ser facilmente encontrada em lugares escuros e úmidos naquele planeta. Infelizmente, *astacares* são muito maiores do que dragões de komodo, muito mais rápidos e muito, muito mais ferozes – para sua remoção de lugares que seriam habitados pelos humanos, fora necessária a presença de veículos de assalto blindados. E a criatura olhava para Baltasar de forma não muito amistosa.

Não é preciso dizer que o bicharoco saltou em cima dele com disposição para esmagar o coitado. Baltasar só pôde rolar que nem uma bola de gude pelo chão, mas sabia que não poderia manobrar dispersivamente para sempre. Estava com o arcabuz carregado, mas se errasse o tiro, poderia não ter o tempo de recarga necessário que as baterias exigiriam. Atirar e apenas ferir poderia ser pior. Predadores feridos podem ser infinitamente mais ferozes e brutais do que animais que apenas buscam a presa do dia.

O *astacar* investia com ferocidade, e restou a Baltasar se levantar em um salto para em seguida correr para trás de uma pilastra. O formato dela não permitiria que uma vítima fosse abocanhada de forma devida, mas o monstro era insistente e um movimento errado do alvo poderia dar margem para que um braço fosse arrancado com uma dentada. Por outro lado, não havia como ele segurar o arcabuz com as duas mãos naquelas condições.

Para conseguir alguma vantagem com o arcabuz, precisava agir rápido. Pôs a correia da arma nos ombros e puxou uma pistola. Não podia mirar na cabeça daquele ângulo – tinha medo de ficar maneta caso a mordida fosse mais veloz do que sua ação. Decidiu usar a construção como escudo e tentou atirar ou no dorso ou na cauda – a besta era enorme, não era difícil acertar de tão perto. Um tiro. Faíscas na superfície da couraça. “Do que raios são feitas as escamas dessa coisa afinal?” – pensou. Decidiu correr para o lado oposto. A fera não moveu a cabeça a tempo.

Estava com liberdade de movimentação. Naquela situação, só lhe restava arriscar tudo. O próprio *astacar* pareceu ter uma certa surpresa quando o viu partir suicidamente em sua direção. Mas o animal estava em vantagem e não recuou – abriu a boca para dar um bote letal.

Baltasar, sem deixar de correr com o arcabuz em mãos, deu o disparo na boca aberta da fera.

O tiro entrou e a rajada pareceu brilhar dentro da cabeça do animal, que explodiu por dentro sem poder transpassar sua couraça.

O *astacar* havia tombado, finalmente. Baltasar finalmente podia repousar. Um arfar, a respiração atropelada. O coração tentando se acalmar. Um momento de calma. Só precisava de tempo. E de repente, tempo era o que não havia mais: um disparo explodiu em frente a seus pés. Ele olhou para a direção de onde veio o ataque. E ficou surpreso.

Era Lamia.

– Ah, não acredito... você aqui?

– Achou que eu iria ficar parada enquanto você ia roubar o tesouro que eu esperei tanto para pôr as mãos?

Baltasar não era bobo. Estava sob a mira de uma arma. A melhor forma de escapar era mantê-la falando – mulheres gostam de falar – e rezar para que ela abrisse uma brecha. Bastava puxar um pouquinho mais a sua indignação: “Espera aí, moça. NÓS

chegamos primeiro, você não. Esse tesouro é nosso por direito!"

Ela ficou vermelha, com olhos arregalados de raiva. "POR DIREITO?" Por pouco ela não disparou naquele momento.

– O cacete! Sabe o que é ser filha de uma mãe solteira que te enxergava como o grande estorvo da sua vida? Não fica com peninha não. Ela acabou indo parar naquele planeta fedorento e quando pôde sair, me deixou às moscas porque não podia me levar junto. Mas eu sabia que iria sair. Sabe esse medalhão que você me roubou? Lembrança do meu pai, que nunca conheci, e o único favor que ele me fez em toda a minha vida. Muito mais do que minha mãe, aquela vadia que deve ter morrido de alguma doença venérea em algum canto do espaço!

"Você não nega seu sangue, não é?", pensou Baltasar – que segurava a língua enquanto olhava cuidadosamente os movimentos da sua oponente.

– Minha mãe não acreditava no tesouro, mas foi ele quem me manteve de pé. Foi por isso que passei a dar golpes em trouxas como você. Eu sabia que cedo ou tarde juntaria grana, viria pra cá, seguiria as pistas desse mapinha besta, e encheria o rabo de jóias. O que eu não contava é que pintaria alguém naquele planeta que sacasse o que eu tinha na mão...

"Só um movimento em falso...", repetia ele mentalmente.

– ... e que me forçasse a apressar todos os meus planos. Mas você me fez dois favores. O primeiro foi me forçar a agir de uma vez. Procurei o primeiro cargueiro cheio de homens secos por companhia feminina que passasse por aqui, o resto foi fácil. O segundo favor foi justamente ter trazido uma nave. Acha que esse *astacar* que você matou era o único nesse lugar? Você só matou o macho – a fêmea é maior. Seus amigos devem estar mortos, eu estou vivinha e de quebra tenho um veículo pra carregar todo o ou...

Um salto e um murro fizeram o serviço. Cavalheirismo não rola nessas horas – gente armada não tem sexo. Um tiro chegou a ser disparado para o nada. A pistola caiu, e um segundo soco na boca do estômago de Lamia a deixou desnorreada o suficiente para que Baltasar pudesse apanhar a arma e encostar o cano entre os olhos dela.

– Me dá um motivo para eu não te estourar agora mesmo, sua puta.

– Porque é perda de tempo.

Era a voz de Belchior, coberto do sangue gosmento dos *astacares* que matara para não virar almoço.

Não há muito o que dizer sobre o que aconteceu. Depois que os demais, devidamente separados de Baltasar, seguiram os mapas e toparam com uma *astacar* furiosa, é claro que lutaram e deram tudo de si para sobreviver. E chegaram à sala do tesouro, a mesma sala que mostravam aos incrédulos Baltasar e Lamia.

Totalmente dilapidada por saqueadores que chegaram antes. Algumas estátuas até estavam desfiguradas, denunciando o ouro e as pedras preciosas arrancados de sua superfície. Lamia estava atônita. Seus olhos estavam arregalados. Quem achou o lugar, fez o serviço antes que o descobrissem oficialmente e acabassem com a farra. Pela área da construção, uma viagem não seria o suficiente para esvaziar o recinto.

No final, eles haviam despendido tantos recursos e viajado para tão longe... por nada.

Lamia se ajoelhou. Não tirava os olhos do salão vazio. Baltasar, Belchior, e todos os demais voltaram as costas ao lugar e seguiram seu caminho, passando pelo cadáver da *Astacar* fêmea.

Ao descerem da caverna, o silêncio só foi quebrado por Baltasar, que olhava para o céu. “Belchior?”

– Fala.

– Você estava certo.

– Como assim?

– Essa menina foi um barato que saiu caro. – disse, secamente. “Da próxima vez que eu chegar, suado, sujo e fedorento, em um buraco no meio do nada e uma moça

bonitinha se mostrar simpática de graça..."

Respirou fundo novamente, antes de concluir.

– ... pode ter certeza que eu vou é pra zona mais próxima!

Alexander Lancaster é ilustrador e articulista da revista de cultura japonesa NeoTokyo. Foi fundador do projeto SciPulp.

Homenagem: Arthur C. Clarke (1917-2008)

Ana Cristina Rodrigues

A morte de Arthur Clarke foi uma perda não só para a Ficção Científica, mas para a humanidade como um todo. O cientista e escritor contribuiu com o que tinha de melhor para que seus semelhantes pudessem progredir. Britânico de nascimento, serviu na 2ª Guerra Mundial como especialista em radares. Após a Guerra, estudou Física e Matemática no King's College e tornou-se um divulgador científico de imensa importância, refletindo sobre astronomia e tecnologias de comunicação.

Porém sua grande marca ficou na Ficção Científica. A lembrança maior é de *2001*, tanto o roteiro escrito em parceria com Stanley Kubrick quanto a 'novelização' do mesmo. Mas sua obra foi muito maior que isso. Desde *Encontro com Rama*, um *tour de force* sobre nossa reação ao estranho e ao desconhecido, até *The last theorem*, seu último livro, em parceria com Frederik Pohl, que é thriller tecnológico envolvendo matemática e uma das paixões de Clarke, o Sri Lanka, terra em que viveu desde o fim da década de 1950 e na qual faleceu.

Muitos foram os romances, os contos, os pensamentos do grande escritor que perdemos. Cada um tocou cada leitor de forma diferente. O *Somnium* convidou dois sócios do CLFC para darem seu testemunho sobre Arthur Clarke, que foi buscar sua cidade nas estrelas.

Arthur Charles Clarke

Wellington Amorim

Arthur C. Clarke, tal como a maior parte dos escritores de FC, é geralmente associado a romances. Claro que, neste caso, ter entre as obras títulos da qualidade e influência como *O Fim da Infância*, *A Cidade e as Estrelas* e *Encontro com Rama* já marcariam qualquer escritor. Ao se acrescentar *2001: uma odisséia no Espaço*, o veredito se torna praticamente obrigatório, pelo impacto que o filme/livro provocou, resgatando a FC do nicho *camp* em que havia sido inserida no imaginário popular e no meio intelectual, da metade da década de 50 em diante.

Apesar disso, a produção de Clarke, em termos de qualidade de romances, é muito desnivelada.¹ Ao contrário, a maioria dos seus contos (ou “ficção curta”, englobando tudo que não possa ser considerado da extensão de um “romance”) é de excelente nível, o que pode ser comprovado na coletânea *The Collected Stories of Arthur C. Clarke*, lançada pela TOR em 2001.²

Mais ainda, alguns deles foram sementes para romances (*The Sentinel/2001*, *Songs of Distant Earth/idem*). Perpassando a maioria dos contos, temos o otimismo frente ao destino da espécie humana³ (ecoando a influência de Olaf Stapledon), a descrença em relação às religiões (por conta das atrocidades cometidas em nome das mesmas) e a possibilidade de sermos “pastoreados” por civilizações mais avançadas.

Além disso, seus contos são irônicos⁴, com fino humor⁵ e ótimo ritmo.

Uma história como *The Rescue Party* (1949), por exemplo, reafirma a capacidade tecnológica do ser humano em enfrentar os desafios. Curiosamente, a idéia original também gerou a famosa *History Lesson*, e os dois finais são conflitantes. Em ambas, o planeta Terra é visitado por civilizações mais avançadas, os seres humanos estão desaparecidos.

Já em *The Star* (1955), originalmente concebida para um concurso do jornal” (e que nem chegou às finais, mas posteriormente abischoitou um Hugo em 1956), o belo enredo encobre inteligentemente sua principal crítica aos movimentos religiosos: por conta da necessidade de afirmar alguns valores, até mesmo civilizações seriam prescindíveis? Cabe lembrar que, no seu funeral, Clarke proibiu terminantemente

qualquer manifestação religiosa.

Em *The Nine Billion Names of God* (1953), a possibilidade de enumerar todos os possíveis nomes de Deus leva a um final marcante. Saber o nome é conhecer o Outro, dominar a sua essência. De certa forma, um gradual⁶ acréscimo de conhecimento sobre o Universo, imagem do desenvolvimento da Ciência. No final do processo, muitas das certezas e antigas referências (até mesmo estrelas) não terão valia.

O otimismo quanto ao potencial do ser humano também fica muito claro em um pequeno conto, *Into the comet* (1960), um excelente exemplo de que tecnologia é bem mais do que máquinas, silenciosas ou não. Aliás, Clarke costumava ironizar, dizendo que o primeiro artefato supersônico havia sido criado muito antes de se entendê-lo teoricamente: o chicote.

Clarke também se manifestou em relação ao que ocorria neste nosso pequeno planeta. Em *Love that Universe* (1961), demonstrava o quanto nossos “grandes” debates políticos (entre os quais a Guerra Fria que grassava) eram minúsculos perante o Universo. O mesmo pode ser dito sobre *Reunion* (1971), bela e sutil estocada numa de nossas mais resistentes intolerâncias.

E, como a coroar o sólido embasamento científico que sempre caracterizou suas histórias, sem que isso significasse menos prazer na leitura, a revista *Nature*, o mais respeitado *journal* acadêmico em termos de ciências naturais, publicou o seu pequeno (e devastador) conto *Improving the Neighbourhood*, em 1999. Foi a primeira vez que a *Nature* publicou algo de ficção científica.

É difícil qualificar Clarke como místico, ao menos nas diversas acepções que o dicionário confere a tal palavra, geralmente associando-a a religiões e limitações do conhecimento racional.⁷ Clarke foi fascinado pelo Universo e sabia que a ciência ainda não havia desvendado todos os segredos. No entanto, acreditava que a Verdade deveria ser buscada, por meio do método científico. Um respeito grandioso (por ter plena noção das limitações do ser humano) e curiosidade insaciável (a qual, bem conduzida, poderia nos levar a superar essas mesmas limitações). Essa sensação de “pertencimento otimista”, mesmo nas situações mais extremas, pode ser comprovada num belíssimo conto, sobre os últimos momentos de um astronauta, enquanto observa, de Marte, a “passagem da Terra” em pleno céu. Derradeiras palavras que

bem servem de epitáfio a um dos maiores escritores da Ficção Científica, em todos os tempos.

"A terapia fez efeito. Sinto-me perfeitamente à vontade, e até alegre, agora que sei exatamente o que vou fazer. Os velhos pesadelo perderam seu poder.

É verdade: todos nós morremos sozinhos. No fim, não faz diferença que a gente esteja oitenta milhões de quilômetros longe de casa.

Vou gostar do passeio de carro através dessa adorável paisagem pintada. Estive pensando em todos aqueles que sonharam com Marte - Wells, Lowell, Burroughs, Weinbaum, Bradbury. Todos eles fizeram conjeturas erradas, mas a realidade não é menos estranha nem menos bela do que esses homens imaginaram.

Não sei o que é isso que me espera lá fora, e provavelmente nunca o verei. Mas, neste mundo faminto, deve estar desesperado por carbono, fósforo, oxigênio, cálcio. Poderá utilizar a mim.

E quando o meu alarma de oxigênio der o seu 'pim' final lá embaixo, nesses ermos mal-assombrados, eu morrerei em estilo. Assim que começar a sentir dificuldades em respirar, descerei do carro marciano e sairei caminhando - com um reproduutor de áudio conectado no meu capacete funcionando a todo volume.

Pelo puro e triunfal poder-e-glória, não há em toda a história da Música nada que se compare à Toccata e Fuga em Ré. Não terei tempo de ouvi-la até o fim, mas isso não importa.

Johann Sebastian, aqui vou eu."

"Passagem da Terra" (1971) , Arthur C. Clarke (1917-2008)

Notas

¹ O que não é privilégio de Clarke, vide a produção similar de Asimov, Heinlein e mesmo Herbert. A se aplicar a Lei de Sturgeon, isso seria previsível :-)

² Segundo a revista Locus, apenas quatro histórias teriam ficado de fora. Vide <http://www.locusmag.com/index/yr2001/t51.htm#A2425>

³ Uma das raras exceções é "Dial F for Frankenstein".

⁴ O final de "History Lesson" é exemplar, nesse sentido. Há um ensaio que aproxima a idéia básica do conto da "Alegoria da Caverna", de Platão. Vide <http://www.lesekost.de/HHL59Z.htm>

⁵ A série "Tales from the White Hart" é um bom exemplo. Nesta série de contos, "histórias de pescador" girando em temas científicos clássicos, o ambiente é o de um pub típico.

⁶ E quase inexorável, a não ser por uma eventual extinção.

⁷ Vide os termos "misticismo" e "místico", no Dicionário Houaiss.

A Jerusalém Celeste de Clarke

Lúcio Manfredi

Não se pode dizer que a ficção científica e a fantasia sejam pobres em utopias. A criação de sociedades ideais é, de fato, um dos impulsos primários do gênero e uma atividade à qual diferentes escritores, desde o início, vêm se dedicando com um fervor quase místico. Um fervor que só é igualado pelo impulso para a criação de distopias, mundos onde não colocaríamos os pés nem amarrados.

Existe algo de religioso nessa característica. A semente tanto das utopias quanto das distopias pode ser rastreada até o *Apocalipse* de São João, que pode ser considerado como o primeiro romance de ficção científica e contém praticamente tudo o que depois se tornaria característica do gênero, de invasões alienígenas a holocaustos nucleares. São João contrasta a sociedade distópica de Babilônia com a comunidade ideal dos primeiros cristãos, a Jerusalém Celeste, uma cidade tão perfeita que até suas muralhas são feitas de pedras preciosas, e que, no final do livro, desce do céu para receber os sobreviventes da catástrofe. Desde então, os escritores não cessaram de oferecer suas próprias versões da Jerusalém Celeste, talhadas sob a medida de suas inclinações e desejos.

Como jóia fulgurante, a cidade jazia sobre o seio do deserto. No passado, havia conhecido mudanças e inovações, mas agora tudo estava imóvel no tempo. Noites e dias passavam sobre a face do deserto, mas nas ruas de Diaspar era sempre crepúsculo, e a escuridão jamais chegava. As longas noites de inverno cobriam o deserto de geada, ao se congelar a última umidade caída no ar rarefeito da Terra – mas a cidade não sofria calor ou frio. Não tinha contato com o mundo exterior. Era, em si mesma, um universo.

Normalmente, exercícios utópicos de nostalgia pelo futuro não me impressionam muito. Não me entendam mal. Do ponto-de-vista literário, boa parte deles são sensacionais, preenchem adequadamente a função de fornecer um cenário interessante para as histórias e servem como um espelho para iluminar, por contraste, várias facetas do nosso próprio mundo. Mas raramente penso neles como um lugar para o qual gostaria de encontrar uma passagem mágica e viver o resto dos meus dias. Certamente não no Condado ou nas centenas de variações bucólicas que ele gerou. Muito menos nas sociedades cientificamente planejadas nas quais a *Golden Age* era useira e vezeira, e

que, em boa parte dos casos, me fazem pensar mais nos pesadelos distópicos de Huxley e Orwell do que na esperança de que um outro mundo é possível.

Com uma única exceção.

Diaspar.

O Homem já havia construído cidades, mas nunca uma cidade como aquela. Algumas haviam durado séculos; outras milênios – antes que o tempo apagasse até mesmo seus nomes. Só Diaspar havia desafiado a Eternidade, defendendo-se a si mesma, e a tudo quanto ela reunia, do desgaste moroso das eras, dos estragos da decadência e da corrupção da ferrugem.

Existem livros que, mesmo décadas depois, fazem você se lembrar perfeitamente do que sentiu quando os leu pela primeira vez. Para mim, *A Cidade e as Estrelas* ocupa uma posição privilegiada dentro dessa categoria. Arthur C. Clarke provavelmente será mais lembrado como o criador de artefatos alienígenas misteriosos e místicos, como o místico Monolito Negro e o misterioso Rama. Gente mais pé-no-chão ou que ainda acha que a ficção científica é literatura de antecipação com certeza não vai perder a oportunidade de salientar que ele é o mentor intelectual dos satélites artificiais, assim como William Gibson é o mentor intelectual do ciberespaço. Muitos talvez se recordem da aura numinosa de seus alienígenas, entidades cósmicas que, como nós, nasceram de poças de protoplasma, mas que se alçaram até as estrelas e continuaram evoluindo até se tornarem virtualmente deuses, consciências puras fundidas à própria tessitura do espaço e do tempo. Clarke merece ser lembrado por tudo isso e muito mais, é óbvio (da mesma forma como *não* merece ser lembrado pelas infames acusações dos tablóides ingleses). Mas, para mim, ele é, acima de tudo, o criador da única utopia que eu considero digna desse nome, o *meu* lugar ideal, a *minha* Jerusalém Celeste.

Diaspar.

Desde sua construção, os oceanos da Terra já haviam desaparecido e o deserto tinha passado a abranger todo o globo. As últimas montanhas tinham sido reduzidas a pó pelos ventos e pela chuva e o mundo achava-se demasiado cansado para produzir outras novas. A cidade, porém, não se preocupava: mesmo que a Terra se consumisse, Diaspar ainda seria capaz de proteger os filhos daqueles que a haviam edificado,

salvando, a eles e a seus tesouros, do fluxo do tempo.

Não era a utopia do próprio Clarke, bem-entendido. Ele deixa claro que, do seu ponto-de-vista, o isolamento absoluto da última cidade da Terra (ou quase) e a reencarnação tecnológica dos mesmos padrões de consciência, repetidos indefinidamente pelo computador central que administra a cidade, seriam uma fonte problemática de estagnação. E eu sei que, de uma perspectiva realista, Clarke tem toda razão. O livro, de fato, é sobre a superação dessas limitações e sobre a reabertura de Diaspar para um universo do qual ela nunca deveria ter se separado. E, sim, eu não tenho como não concordar, o temor pascaliano que os habitantes de Diaspar sentem pelos espaços infinitos é, mais que um defeito, uma falha trágica. Mas, e daí? Nada disso muda o fato de que Diaspar é a coisa mais próxima que eu já encontrei da minha versão particular do paraíso, a cidade para a qual eu daria tudo para encontrar uma passagem mágica e viver o resto dos meus dias.

E eu não posso deixar de torcer para que, no dia 19 de março de 2008, Arthur C. Clarke tenha encontrado essa passagem.

Dossiê Especial

Os Novos Rumos da Ficção Científica no Brasil

Não tem como negar que a FC vive um período intenso no país. Seja com relançamentos de clássicos, com novidades de autores estrangeiros chegando ou – e principalmente – com a movimentação dos escritores do nosso país. São decanos que voltam a publicar, novatos buscando seu espaço, veteranos que continuam na labuta...

As mudanças no *Somnium*, em uma nova fase assim como o Clube de Leitores de Ficção Científica, fazem parte dessa reformulação, que se faz voltada para a grande ferramenta de comunicação e mídia do nosso atual momento: a Internet.

Comunidades virtuais, listas de discussão, *sites*, *blogs*, *e-books*, concursos que têm sede completamente no mundo virtual, como o Prêmio Literário Bráulio Tavares da comunidade 'Ficção Científica' no *Orkut* ou o concurso FC do B – Panorama da Ficção Científica: uma nova configuração vem se mostrando aos poucos.

Marcando esse momento de mudanças e questionamento, o *Somnium* traz um pequeno dossiê. Apresenta dois contos de autores premiados nos concursos citados acima, Jurandir Araguaia e Tibor Moricz, além de uma pequena brincadeira de ping-pong com três autores ilustrativos do novo panorama. Fechando o dossiê, um relato múltiplo do evento que provavelmente ficará marcado como um ponto focal do momento, a mesa-redonda 'Novos Rumos da FCB', realizada na Livraria Cultura Market Place (SP), que reuniu gerações e pontos de vista.

Como espero que se torne claro na leitura a seguir, é um momento de multiplicidades de visões. Há, como sempre, os desanimados, os que – com uma mentalidade vitoriana típica da velha Miss Marple de Agatha Christie – esperam o pior. Mas é de levantar o ânimo ver que o momento é visto com entusiasmo e esperança pela maior parte daqueles que o acompanham.

Ana Cristina Rodrigues

Colecionadora de Homens

Jurandir Presença

Os homens tinham o hábito de desaparecer sem deixar motivo. Alguns trabalhadores fugiam, é o que pensávamos. Talvez pelo cansaço da jornada, pelos baixos salários ou por vontade de voltar para casa. Certo é que sempre tínhamos uma vaga aberta. A represa era erguida na África do Sul, idos de 60. Eu era um dos engenheiros e o único Latino. Respeitavam-me pela capacidade de solucionar problemas.

O certo é que fui contratado, graças à interferência do meu sogro, embaixador britânico no Brasil, para aquela oportunidade de ganhar em libras. Surgia Brasília, para onde eu iria em poucos dias, assim que terminasse o meu contrato com a empresa britânica. Cansei daquela rotina e senti saudades de casa – e da minha bela e jovem esposa, o que me levava a compreender o abandono voluntário dos homens.

Posso dizer que a posição que ocupava me angariava certos privilégios, sendo um deles, ter um quarto exclusivo. Não atentava para o terror crescente que dominava os trabalhadores. Os outros engenheiros, sete ao todo, sendo 5 ingleses, um belga e um americano, tratavam-me bem, mas com certa distância, compreensível devido às minhas origens e ao tom bronzeado da pele.

Concentrava-me no trabalho.

Ficamos preocupados quando os homens começaram a apresentar deserções em massa. O chefe de nossa equipe chamava-se Tom Sears. Ficou irritado com o conseqüente atraso no cronograma. Ignorávamos os reais motivos que levavam o canteiro a precisar de inúmeras reposições de mão-de-obra. Corria um boato de que algo devorava os homens. Começamos a levar o desaparecimento a sério quando algumas famílias, de trabalhadores que residiam a certa proximidade, começaram a reclamar o seu desaparecimento. Não preciso dizer que a notícia começou a dificultar novas contratações, o que comprometia ainda mais o trabalho.

Suspeitamos de leões, o que ocorrera em determinados canteiros. No entanto, ninguém vira ou ouvira nada. Nenhum rastro foi encontrado, nenhuma marca característica. Posicionamos sentinelas e ficamos atentos. Faltavam menos de três

semanas para o fim do meu contrato e eu já comunicara ao Tom minha intenção de retornar ao Brasil. Insistiu para que ficasse, tanto por que era útil o meu trabalho, quanto pela dificuldade em localizar um substituto naquele momento. Agradei e reforcei minha posição.

Em uma noite quente, deitado em minha cama, quando dormia pesadamente, senti um forte abraço. Era uma espécie de sonho vívido. Uma mulher envolvia-me o pescoço e o abdome. Senti um bafo feminino e uma fragrância adorável. Imediatamente recordei de minha esposa e declarei que eu lhe pertencia. Apertou-me mais. Tinha uma força impressionante. Sonolento, afirmei com veemência que, por mais que desejasse, somente minha esposa era dona do meu corpo. Ela começou a se esfregar e a mexer nos meu sexo. Repeli-a com força, desvencilhando-me do seu abraço. Ela adquiriu uma consistência viscosa, como uma lula. Lutei e percebi que afundava para dentro do colchão. Finalmente venci aquela espécie de transe e a estranha criatura, uma espécie de geléia, afundou colchão adentro. Saltei da cama para cima de uma cadeira. Procurei acender uma lanterna que estava pendurada na parede e saquei do revólver. Vi uma massa disforme arrastando-se pelo chão. Parecia-se com um molusco.

Ela se posicionou diante da porta. Apontei a arma. Lembrei-me que ela atravessou o colchão. Provavelmente as balas não fariam efeito. A massa gosmenta começou a levantar-se e foi se compactando, saindo de uma cor rósea, transparente, para algo quase humano. A figura de uma bela mulher com traços negros se apresentou. Nua. Seios à mostra. Uma espécie de saia translúcida de algas cobria a parte inferior.

- É realmente fiel? – ela me perguntou, mas não foi com uma voz normal, parecia telepatia.

- Pertença à minha esposa. – respondi.

A criatura pareceu rir satisfeita.

- Isso é raro entre os da sua espécie. – começou a desfigurar e voltou ao estado gelatinoso. Saiu pela porta como se esta não oferecesse obstáculo algum. Eu estava suando, ofegante, coração disparado. A arma e a lanterna continuavam apontado para o vazio que deixou.

Nos dias seguintes outros homens sumiram. Ficamos sabendo de alguns avistamentos de luzes no céu. Alguns disseram que viram uma mulher fantasma vagando pelo mato na companhia de trabalhadores que a seguiam voluntariamente.

Não comuniquei o que me ocorrera ao Tom. Ele não acreditaria. Você acreditaria? Voltei ao Brasil e nunca mais soube do destino daqueles homens. Sei que a construção foi terminada e hoje posso garantir que, sem medo de errar, a fidelidade me salvou...

Jurandir Araguaia é de Goiânia, auditor fiscal e escritor. Foi um dos premiados no concurso FC do B.

Filamentos iridescentes, como numa chuva de néon

Tibor Moricz

O cogumelo se formou lá longe, afastando a noite com uma radiação brilhante e maravilhosa. Apoiei a caixa no parapeito da janela, coloquei a mão na manivela e sorri. Milhões de filamentos iridescentes surgiram no céu, como numa chuva de néon. Meus lábios se entreabriram respirando o ar morno. Poucas janelas com luzes, madrugada avançada. O bafo quente chegou segundos antes da onda de choque. Minhas bochechas se retraíram e minha mão deu um ligeiro toque, um movimento circular sutil na manivela. A onda de choque bateu com vigor, arrastou pedras e vidros e depois retornou uma centena de metros. Furiosa, brigando com o tempo. Milésimos de segundos. Bateu de novo. Voltou. Bateu mais uma vez e retornou até que o cogumelo se retraísse sobre si mesmo, voltando ao momento crucial de sua detonação. A caixa e a manivela, obedientes, acatando minhas ordens. Um segundo a mais e... Lá estava ele de novo. O clarão ofuscante seguido pelo cogumelo. Noite se transformando em dia. Cidade adormecida, inerte, distante da destruição. A onda de choque se aproximando. Ao longe via telhados sendo arrastados... O pó da morte transformando matéria em energia. Apoiei a caixa no parapeito da janela, coloquei a mão na manivela e sorri. Milhões de filamentos iridescentes surgiram no céu, como numa chuva de néon. Madrugada avançada. A onda de choque bateu com vigor. Minha mão moveu-se um milímetro. Meu corpo voltou à posição inicial e a onda de choque retornou umas centenas de metros. Lá vinha ela arrancando postes. Ia e vinha ao meu sabor. Destruição e reconstrução intercaladas. Cabeças vazias, mergulhadas em sono. Casais notívagos perdidos entre beijos. Boêmios encantados com o fulgor da morte, sem saber que o fulgor era de morte. Guardas-noturnos embalados em cochilos rápidos, aspirando a radiação, sorvendo a morte que os sorvia num repente. E o cogumelo retraiu-se numa bolha cada vez menor até nada mais restar dele senão o obus que bate no chão, vindo de uma queda astronômica. O cogumelo se formou lá longe, afastando a noite com uma radiação brilhante e maravilhosa. Apoiei a caixa no parapeito da janela, coloquei a mão na manivela e sorri. Milhões de filamentos iridescentes surgiram no céu, como numa chuva de néon. Restaurantes fechados, boates na faxina, prostitutas cansadas. Cães e gatos na labuta noturna da caça. Antenas de televisão captando o vazio. Chiados de interferência. A onda de choque, avassaladora, carregando em seu bojo tudo o que encontra pelo caminho. Corpos, carros, tijolos... Voando tresloucados. Violência terrível. E a caixa apoiada na janela.

Minha mão na manivela, brincando de Deus, que vai e volta no tempo como se ele não existisse. A bomba, a explosão... Fogo de artifício que espoca lá longe, anunciando uma nova era. A caixa e a manivela. Vai e vem, cogumelo que cresce e retrai. Onda de choque que arrasa e retorna, recolocando tudo em seu devido lugar. Uma brincadeira curiosa. Não há gritos nem lamúrias. Se ainda fosse de dia... Seria possível me embevecer com a perplexidade. Alimentar-me com o terror. Mas era madrugada avançada. Pena. Apoiei a caixa no parapeito da janela e sorri. Milhões de filamentos iridescentes surgiram no céu, como numa chuva de néon. Afastei minha mão da manivela e aguardei. Aquela era uma madrugada calma e sossegada. Ao longe a onda de choque fazendo erguer as saias da cidade. Impudente, violando sua sacra e duvidosa condição de virgem. Fragmentos do que era a civilização flutuavam numa gigantesca nuvem de detritos. Minhas bochechas se retraíram, meu corpo foi violentamente arremessado para trás, o prédio arrancado de suas fundações... Minha mão bem longe da manivela. Eu tinha cansado da brincadeira. Aquela era uma noite recheada de estrelas... E de filamentos iridescentes como numa chuva de néon.

Tibor Moricz é publicitário, autor de 'Síndrome de Cerbero' (JR Editora) e vencedor com o conto acima do 1º concurso organizado pela comunidade de Ficção Científica no Orkut.

Ping-Pong sobre Ficção Científica

Pergunta	Alexandre Lancaster	Clinton Davisson	Tibor Moricz
<i>Tema preferido</i>	Aventura	Viagem no tempo	Viagens espaciais
<i>Primeiro autor lido</i>	Brian Aldiss	Jules Verne	Asimov
<i>Autor preferido</i>	Poul Anderson	Frank Herbert	Philip K. Dick
<i>Autor que menos gosta</i>	A dupla soviética Arkadi e Boris Strugatski	Michael Crichton	Michael Crichton
<i>Livro obrigatório</i>	"Mundo Sem Fim", Poul Anderson	"Duna", Frank Herbert	"2001", Arthur C. Clarke
<i>Clássico que não gostou</i>	"Stalker", Arkadi e Boris Strugatski	"Fundação", Isaac Asimov	"Neuromancer", William Gibson
<i>Autor brasileiro obrigatório</i>	Fausto Fawcett	Osmarco Valladão	Jorge Luiz Calife
<i>Melhor protagonista</i>	Reinhard von Lohengramm ("Ginga Eiyū Densetsu" - "A Lenda dos Heróis Galáticos", Yoshiki Tanaka)	Arienrhod ("Snowqueen", Joan Vinge)	Rick Deckard ("Blade Runner – O Caçador de Andróides", Philip K. Dick)
<i>Melhor antagonista/vilão</i>	Harkonnen ("Duna", Frank Herbert)	Arienrhod ("Snowqueen", Joan Vinge)	Lex Luthor ("Super-Homem" e outros títulos, DC Comics, Jerry Siegel e Joe Shuster)
<i>Personagem feminina</i>	Makoto Kusanagi ("Ghost in the Shell", Masamune Shirow)	Moon Dawntrader ("Snowqueen", Joan Vinge)	Chloe Ann Sullivan ("Smallville", Alfred Gough e Miles Millar)

Relatos da Mesa Redonda

“Novos Rumos da FCB”

Local: Livraria Cultura – Market Place

Data: 29 de abril de 2008

Organizador: Horacio Corral

Participantes: Ana Cristina Rodrigues (mediadora), Carlos Martinho, Clinton Davisson, Cristina Lasaitis, Fábio Fernandes, Gerson Lodi-Ribeiro, Richard Diegues e Roberto Causo.

Com a palavra, o organizador Horacio Corral

Nestes últimos dois anos foram lançados vários livros de ficção especulativa por escritores com diversas formações e estilos, forjando uma nova FC brasileira. A identidade desta geração continua a ser uma incógnita. Foi com o intuito de esboçar uma resposta para essa incógnita que surgiu a idéia de realizar uma mesa redonda.

No sábado, 29 de abril, Fábio Fernandes, Ana Cristina Rodrigues, Cristina Lasaitis, Roberto Causo, Carlos Orsi, Clinton Davisson, Gerson Lodi-Ribeiro e Richard Diegues foram invocados por este que vos digita para falar sobre ficção científica. Duas mesas, uma poltrona e três microfones, foram colocados a disposição e após a entrega do prêmio do concurso literário Bráulio Tavares, vencido por Tibor Moricz, teve início a mesa redonda.



Ana Cristina, mediadora da mesa, levantou a questão central da mesa redonda sobre a identidade da ficção científica no Brasil. As participações foram por ordem alfabética de sobrenome, assim Roberto Causo foi o primeiro a discorrer sobre o tema, nos cinco minutos determinados pela mediadora.

Causo, cujo conhecimento enciclopédico de literatura fantástica tornou-se evidente

durante a mesa, começou falando do bom momento editorial que temos atualmente. Novas tendências e republicações de editoras como Aleph, Devir, Globo e Rocco, comprovavam o dito. Causo, organizador da antologia *Os Melhores Contos brasileiros de FC*, questionou de maneira geral se este *revival* não seria apenas uma bolha, visto que, até certo ponto o que estava sendo lançado, apesar de ser FC, era literatura essencialmente *mainstream*.

Clinton Davisson, autor de *Hegemonia: O Herdeiro de Basten*, sempre espirituoso e bem-humorado, falou de um sentimento de inferioridade do escritor de FC brasileiro e argumentou dizendo que pouco se conhecia na grande mídia da produção prévia no gênero. Confessou conhecer Jorge Luiz Calife apenas porque coincidentemente moravam na mesma região, isto é, Volta Redonda, RJ. Incitou os colegas escritores a criar um movimento mais coeso de FCB para poder divulgar e promover a produção nacional. Posição esta com a qual eu estou absolutamente de acordo, vide a realização da mesa redonda.

Richard Diegues, escritor e editor da Editora Alaúde e da Tarja Editorial, polemizou ao lançar uma questão pertinente sobre a escassez de bons escritores de ficção fantástica e/ou especulativa. Insistiu que por meio de um concurso, ainda em vigência, lançado pela Tarja Editorial, foi possível constatar quão poucos escritores bons do gênero havia e que de maneira geral estes relegavam a sua produção literária a contos e não romances, sendo que o mercado anseia por romances no gênero, tão escassos quantos os escritores. Devo concordar que carecemos até certo ponto de bons escritores neste tipo de ficção, mas acredito que isto se deva a complexa natureza da produção de uma boa história no gênero e mais ainda de um bom romance. Tal empreitada requer tempo, dedicação e certa maturidade psicológica. Logo reforçou a idéia de que estamos em um bom momento editorial como vaticinado por Causo.

Fábio Fernandes, talvez o mais *online* dos presentes na mesa, tradutor e leitor incansável, afirmou em 2007, a este que vos digita, que 2008 seria o *Anno Mirabilis* para a FCB pelos lançamentos e a predisposição de todos os envolvidos com o gênero. Sem dúvida, o começo deste ano tem trazido momentos felizes e surpresas agradáveis, mas devo afirmar, já que estou de posse de algumas informações interessantes, que ainda não vimos o melhor do que está por vir neste ano. Animado e falante como sempre, afirmou e recebeu mais do que merecidos aplausos, quando

disse "ter saído do armário", passando a assumir que era escritor brasileiro de Ficção Científica. Fábio, professor universitário, concordou com Causo sobre a atenção da academia a FCB, sendo que o próprio publicou um excelente livro sobre o assunto, o qual possuo e recomendo, *A Construção do Imaginário Cyber*, um estudo sobre FC, cibercultura e suas influências e ramificações interdisciplinares.

A bela Cristina Lasaitis de 24 anos, uma das duas presenças femininas na mesa, dona de uma prosa imaculada e precisa, é uma das mais promissoras escritoras do gênero. E foi durante sua apresentação que Richard Diegues anunciou o lançamento do primeiro livro dela e angariou sorrisos dos presentes, muitos deles leitores da prosa da Christie como é conhecida na internet.

Gerson Lodi-Ribeiro, o bem-humorado e incisivo autor de *Outros Brasis*, é um dos escritores mais reconhecidos do gênero. Criador da ficção que envolve o jogo online *TaikoDom* e um dos editores da extinta editora de FCB, Ano-Luz, falou um pouco da FCB atual e da dos anos 80 e comentou com bom humor que era um "velho dinossauro", mas que ainda iríamos ver muito do que foi produzido para *TaikoDom*, sendo isto *FC Hard*.

Foi a vez então do paciente e bem articulado autor de *Tempos de Fúria*, Carlos Orsi. Ele, assim como Causo, colocou em questão a verossimilhança de um suposto boom da FC e reforçando o dito por Davisson denotou que a maioria dos escritores brasileiros trilhava um caminho solitário na sua produção literária e que seria muito mais interessante se existisse uma coesão entre eles. Para ilustrar a idéia, falou da primeira onda de FC, onde os escritores tiveram pouca comunicação entre eles. Logo voltou a comentar sobre uma consciência maior do zeitgeist e sobre como isto contraria o acontecido naquele primeiro momento da FC. Graças a internet e os meios atuais de comunicação, disse Orsi, é que nos conhecemos os excelentes contos da Cris Lasaitis.

Encerradas as digressões iniciais sobre o tema, Ana Cristina em um momento brilhante de ironia lírica, disse "... se passaram 24 anos desde 1984, 7 desde 2001, mas 451 Farenheit continua sendo a temperatura em que o papel queima...", roubando gargalhadas dos presentes, esclarecendo assim que tínhamos um público douto no tema da mesa redonda. Logo afirmou que vivemos no 'Admirável Mundo Novo', um mundo de quebra de paradigmas e novas vistas do mundo. Chamou com

veemência os escritores e os incitou a explorar a problemática do mundo presente e a especular sobre o futuro. Elevou a *internet* ao papel de conciliadora e relatou sobre a habilidade desta para congregar gerações e estilos diferentes assim como a força que ela possui para disseminar a literatura e conectar os escritores que a produzem.

O afável público daquela noite foi composto por vários escritores, editores, pesquisadores e diletantes do gênero, assim como alguns aficionados. Entre os escritores, André Vianco, que respondeu animadamente sobre sua condição de escritor profissional; Ivan Hegenberg, autor do livro de *Será*; Tibor Moricz, autor do livro *Síndrome de Cérbero*; Claudio Villa, autor do romance de fantasia, *Pelo Sangue e Pela Fé*, entre outros.

Adriano Piazza, dono da editora Aleph, junto com o Delfin, um dos seus coordenadores editoriais, também estavam presentes, eles tinham preparado uma surpresa para o final do evento.

Após a devida apresentação e resposta de cada um dos participantes da mesa redonda, prosseguimos para as perguntas do público e dos próprios participantes. E neste momento, modéstia a parte, a seleção digital dos participantes se provou mais do que correta.

Surgiram temas como New Weird sobre o qual Fábio Fernandes discorreu com satisfação e conhecimento; feminismo e a figura da mulher na FC como personagem e escritora foi atendido por Cristina Lasaitis com presteza e inteligência, além de um comentário de Finisia Fideli, escritora de FC presente na platéia; discutiram-se o poder das novas mídias na produção e divulgação da literatura do gênero e assim falou-se de *TaikoDom*, um *massive social game*, para o qual Gerson Lodi-Ribeiro desenvolveu um universo ficcional *hard*; Richard Diegues, falou um pouco sobre o mercado editorial e voltou a questão lançada logo na apresentação, sobre a escassez de bons escritores do gênero de ficção fantástica; Roberto Causo e Fábio Fernandes responderam a uma questão relacionada a pesquisa acadêmica na ficção científica com avidez, ambos pesquisadores, e comentaram sobre um dos livros que posteriormente seriam sorteados, *Volta ao mundo da Ficção Científica*, do pesquisador Rodolfo Rorato.

Estes e outros temas foram discutidos e elocubrados com prazer pelos presentes

durante um período de quase 3 horas.

No final, Delfin da Aleph, apresentou em primeira mão, o lançamento da Trilogia do Sprawl (*Neuromancer*, *Count Zero* e *Mona Lisa Overdrive*) de William Gibson e o excelente *Snow Crash*, do Neal Stephenson, livro este que inspirou o hoje famoso metaverso do *Second Life*.

Neste momento, estão sendo distribuídos os DVDs da mesa redonda: graças ao esforço de Gerson Lodi-Ribeiro e quem vos digita, há aproximadamente duas horas e trinta minutos históricos registrados em vídeo. Até o momento, não foi possível disponibiliza-los no *YouTube* e outros meios populares de compartilhamento de arquivos, mas talvez até o momento que você esteja lendo esta exata linha, já esteja disponível.

Sem dúvida, houve um senso de algo histórico na mesa redonda de FCB, seja pela reunião de antigos amigos ou o encontro de leitores com seus prosistas imaginativos preferidos, no entanto, o que é indelével é o fato de saber que existem escritores brasileiros de ficção que enfrentam a árdua tarefa de imaginar o que está por vir e que seus sonhos, as vezes ornados de rigor científico, são de uma inquestionável beleza e qualidade literária.

Os momentos históricos são iguais a aqueles nos quais você esta tentando abrir seu guarda-chuva numa rua qualquer da paisagem urbana brasileira, a diferença é que, o que aconteceu naquele sábado, naquela mesa redonda, irá ecoar na memória dos presentes por anos a fio, enquanto isso, assim que a sua roupa estiver seca você terá esquecido do episódio do guarda-chuva maldito, mas terá consigo aquelas palavras da Ana Cristina e saberá que o papel ainda queima a 451 Farenheit.

Depoimentos dos participantes

Carlos Orsi Martinho

Para mim, a mesa redonda foi uma aventura que começou no terminal Tietê, quando desci do ônibus vindo de Jundiaí e me pus a postos para esperar Gerson Lodi-Ribeiro e a presidente Ana Cristina Rodrigues, que vinham do Rio. Depois de levar dois sustos, vendo chegarem ônibus da Cidade Maravilhosa sem nenhum deles a bordo, fui tranqüilizado por um telefonema do Gerson e pela chegada de ambos, poucos minutos depois.

Em seguida veio o ponto alto do dia – ao menos, da minha experiência pessoal do dia – o almoço com os colegas no *Famiglia Mancini*, marcado não só pelo reencontro com velhos amigos como pela oportunidade de conhecer o escritor Clinton Davisson e o organizador da mesa redonda, Horacio, da Livraria Cultura.

O evento em si foi interessante especialmente por revelar algumas inquietações partilhadas por escritores e público – por exemplo, o que define um escritor como “profissional”, ou quais os rumos da produção intelectual na era da internet. Minha participação ao vivo foi pequena, mas deu margem a uma estimulante troca de e-mails nos dias que se seguiram.

Depois fomos tomar chope num bar próximo à livraria, onde os escritores André Vianco e Alexandre Heredia revelaram-se ótimos companheiros de copo e de papo.

Gerson Lodi Ribeiro

Antes da mesa-redonda, alguns dos participantes reuniram-se num almoço festivo no restaurante *Famiglia Mancini*, onde colocamos nossos papos de FC&F em dia. Alguém já disse que o melhor dessas convenções e reuniões de FC ocorrem nos bares e restaurantes no entorno do evento.

Do *Famiglia Mancini* seguimos até o *lobby* do hotel do Martinho para fazer hora até o começo do evento. Nova rodada de bons papos sobre FC, com ênfase à revelação para o Clinton Davisson sobre a identidade (nem tão) secreta do autor de "A Filha do Predador", Daniel Alvarez...

A mesa-redonda começou pontualmente às 18:00h, com direito à filmagem do evento, entrega de prêmios no início do evento e anúncio de novos lançamentos ao fim do mesmo.

Mãos de ferro sob luvas de pelica, Ana Cristina comandou a mesa-redonda com precisão e competência. Ela abriu os trabalhos ao convidar os participantes para compor a mesa e concedeu cinco minutos para que cada um falasse sobre os novos rumos da FCB. Roberto Causo falou sobre as perspectivas do mercado, com novidades e os muitos relançamentos que deverão ocorrer neste ano. Clinton Davisson discorreu sobre sua trajetória como autor e as estratégias de marketing para divulgar o gênero no país. Richard Diegues falou da sua experiência como editor da Tarja e lamentou não receber tantos romances de FCB para avaliar quanto gostaria. Fábio Fernandes afirmou considerar 2008 o *annus mirabilis* da FCB e enfim se admitiu despudoradamente como autor de FC. Cristina Laisatis falou sobre suas experiências como leitora de FC que a estimularam a se tornar uma das mais jovens autoras brasileiras do gênero. Eu contei minha experiência de criar e trabalhar no universo ficcional do jogo *online TaikoDom*. Carlos Orsi Martinho defendeu a liberdade de cada autor de seguir seu próprio rumo, independente de ondas e movimentos, e chamou atenção para o fato de que pela primeira temos diálogo entre duas gerações de produtores na FCB.

Encerradas as intervenções iniciais dos participantes, passou-se às perguntas e ao debate, aberto tanto aos membros da mesa quanto à platéia (entre 50 e 60 pessoas), com questões pertinentes levantadas de um lado e do outro, com destaques para o êxito literário da carreira de André Vianco (presente na platéia); o *new-weird*; a velha síndrome do Capitão Barbosa; e a presença ainda tímida e incipiente da temática feminista na FCB.

Clinton Davisson

O evento foi uma grata surpresa. Um sinal de que a ficção científica brasileira está se reorganizando, desta vez mais coesa e centrada em um objetivo comum. Eu não acho que a qualidade literária dessa nova geração seja superior ou inferior as gerações passadas. O fato é que a literatura brasileira, seja em qualquer gênero, tem um padrão alto de qualidade. O pouco que tenho lido dos autores de *scifi* nacionais, como o Osiris Reis, o Octávio Aragão, o Ivan e o Max Mallman tem, cada um, uma qualidade

comparável aos escritores estrangeiros. E com a economia do país em crescimento, acho que falta muito pouco para a literatura de ficção científica nacional se tornar não apenas um gênero comercialmente, mas um fenômeno de vendas.

Roberto Causo

Discussões sobre o rumo da ficção científica brasileira são raras — porque o gênero aqui entrou em catatonia a partir de 1995, vítima do choque anafilático de desastrosos planos econômicos e mudanças nas atitudes de editoras e leitores. Que tenhamos participado do painel proposto por Horacio Corral na Livraria Cultura é sinal de que a FC vai saindo do coma. De fato, com duas editoras de porte médio (Devir e Aleph) prometendo uma constância na publicação de FC, e outras de pequeno a grande porte (Giz Editorial e Tarja Editorial, até a Rocco e a Record) publicando ocasionalmente, talvez este seja o melhor momento editorial para os autores nacionais desde a Primeira Onda da FC Brasileira, na década de 1960.

A mesa-redonda na Livraria Cultura juntou diferentes pontos de vista e atitudes, autores novos e veteranos, algo da perspectiva editorial e até acadêmica. Uma mostra de como é multifacetada a atmosfera atual. O Brasil é o país da biodiversidade, e uma literatura como a FC deve ser nutrida num ambiente de diversidade e variação de temas e enfoques. Cumpre cuidar para que nem todos os ovos fiquem na mesma cesta, para que o boom da FC não se transforme em bolha.

Richard Diegues

O encontro foi longo para os padrões de espaço que tem sido dedicado para a FC, mas curto para englobar satisfatoriamente tudo o que está surgindo de novo no mercado de ficção. É raro que tantas feras desse meio sejam vistas juntas, em uma mesma jaula, mostrando suas presas, garras e disposição para o ataque. Por isso mesmo foi um evento para se guardar na memória. Não é algo que vá abrir o mercado de literatura fantástica no Brasil, pois ele já está com as portas escancaradas, mas certamente vai abrir algumas mentes para o caminho a ser trilhado. E não somente a mente de leitores e editores, mas principalmente a dos autores, que são a parte mais importante da cadeia editorial. A exemplo da Tarja Editorial, que está procurando por escritores de ficção fantástica de qualidade, o mercado está pegando fogo de tanto atrito que as editoras estão fazendo nessa busca. O caminho está aberto para a

literatura, resta saber se ela vai surgir ou se ficará como promessa.

Fábio Fernandes

Primeiro, eu gostaria de falar da minha felicidade ao ter participado daquele evento, que para mim já se tornou um clássico, um divisor de águas, algo que será comentado por anos. Tanto porque marcou o reencontro de várias pessoas pertencentes a uma geração etária de escritores de ficção científica, como porque reuniu pela primeira vez vários autores da geração mais recente, e a mesa foi um *mix* muito saudável desses autores.

Fiquei feliz também porque o encontro provou ser um bom augúrio do *Shape of Things to Come*, como diria H.G.Wells. As coisas que virão parecem muito auspiciosas, porque pela primeira vez em anos os autores concentraram seus esforços e interesses em falar do futuro, e não do passado. Isso é o mais importante: estamos vivendo, talvez pela primeira vez na história, um momento em que as coisas estão dando certo para todos, em que, graças à *Web* e às comunidades virtuais, os autores estão finalmente conseguindo se unir para desenvolver projetos eficientes e de boa qualidade. E, como provou o encontro organizado pelo Horacio Corral (um entusiasta de primeira, que merece todo o nosso agradecimento), essas reuniões também são possíveis pela via presencial – e com sucesso, como provou a quantidade de pessoas presentes ao encontro, que não lotaram a sala, mas foi o maior público que um encontro desse tipo já teve em muitos e muitos anos.

Ainda ontem, (escrevo este depoimento no dia 12 de abril), encontrei-me com o Ivan Hegenberg, autor de *Será*, que estava no evento, e Nelson de Oliveira, escritor famoso, autor de livros fantásticos que os candidatos a escritores de FC deveriam ler, como *Subsolo Infinito*. Nelson não pôde ir ao evento, mas ao narrar para ele o que se passou, eu senti novamente a alegria de ter passado um bom momento ao lado de grandes amigos, dos quais estive distante por longo tempo (mas fisicamente, nunca do coração). E isso me move, me incentiva a seguir em frente. Porque há espaço para todos, e há muitas histórias a serem contadas. A hora é agora.

Cristina Lasaitis

A mesa redonda "ficção científica brasileira" cumpriu com o objetivo de reunir um

considerável número de autores, editores e fãs do gênero no Brasil numa descontraída e democrática troca de idéias, experiências, impressões e - por que não dizer? - angústias, ao debater as dificuldades de se produzir e publicar ficção científica em nosso país. Surpreendeu-me, particularmente, o bom comparecimento do público, sinal de que não devemos subestimar o interesse do brasileiro pela FC. Eventos assim são raros e, por esse motivo, dignos de nota. Deixo meus parabéns à organização, aos colegas da mesa e à Livraria Cultura, que nos concedeu essa oportunidade.

E a platéia, o que achou?

Tibor Moricz

O mercado nacional de FC está órfão de eventos que valorizem o tema. A iniciativa de Horácio Corral (funcionário da Livraria Cultura no Market Place em São Paulo) ao organizar a Mesa Redonda de Ficção Científica (mediação de Ana Cristina Rodrigues) deve ser aplaudida. E que não fique só por aí, servindo como modelo e exemplo para outras iniciativas do gênero.

O tema proposto "Os novos rumos da FC brasileira" foi abordado superficialmente, sendo o encontro polvilhado por discussões paralelas tais como o feminismo da FC, projetos (e obras) pessoais dos participantes (haja oportunismo) e outros que tais, igualmente importantes e de cujo valor não se abre mão em nenhuma discussão do gênero que se proponha séria. Eu gostaria, porém, numa ocasião futura, que outro evento como esse fosse organizado. Dessa vez discutindo única e exclusivamente o tema proposto, sem fugas e tergiversações. E que os temas paralelos se dessem ao fim do encontro, numa roda divertida e instrutiva entre autores, pesquisadores e admiradores do gênero.

Marcello Simão Branco

A mesa-redonda ocorrida no dia 29 de março na Livraria Cultura do Shopping Market Place em São Paulo, de certa, forma deu expressão concreta a um momento novo da comunidade brasileira de FC. É que a maioria dos presentes, creio que umas 40 pessoas, eram pessoas relativamente novas no movimento, a maioria oriundas da internet e suas diversas comunidades e grupos. Para quem, como eu, está no movimento há cerca de 20 anos, foi com estranheza que senti o evento. Afinal, era de uma minoria, ou seja, daqueles que surgiram no fandom "real", muito do ambiente virtual sequer existir. Afora isso, o evento foi importante até mais para marcar este momento de transição do que propriamente pelo conteúdo dos debates em uma mesa composta por pessoas com conhecimentos e conteúdo muito díspares. Mesmo assim foi possível uma avaliação razoável das tendências atuais da FCB, como o ressurgimento de editoras interessadas no gênero e o surgimento de novos autores brasileiros, uma promessa de renovação sempre desejável, desde que esteja amparada na qualidade, uma coisa que ainda requer comprovação. Eventos como

esse devem ser incentivados e repetidos, não só em São Paulo, mas no Rio e em outras cidades, pois é com o debate franco e a troca de idéias que a FC pode crescer conjuntamente e se reintegrar em termos sociais, desagregada que está desde pelo menos há uns quatro ou cinco anos, com o ocaso do fandom tradicional, simbolizado que era por clubes e fanzines

Hugo Marcel Vera

A Mesa Redonda de Ficção Científica em São Paulo em março deste ano caracterizou-se naquilo que eu chamaria de "um dos maiores eventos da FCB dos últimos tempos". Um bate-papo mais que agradável, na companhia de escritores brasileiros do gênero, onde pudemos ter um contato maior sobre as novidades da produção nacional, por vezes esquecida diante da literatura internacional já consagrada, além de termos indicativos das tendências que essa produção vem seguindo nos últimos anos. Destaque para o encontro das "gerações" e "ondas" da FCB em um mesmo ambiente. Parabênzo ao Horacio Corral pela iniciativa de reunir vários "nerds" neste encontro que, na ausência de outras palavras, defino como "fascinante" (utilizando a velha expressão do Sr. Spock de Star Trek). Afinal, reencontrar bons e velhos amigos do fandom, e encontrar novos amigos antes só conhecidos virtualmente, foi estimulante e divertido. Espero que outros encontros e mesas redondas aconteçam com maior freqüência, e que possamos reforçar não só laços de amizade nessas ocasiões, mas também o próprio movimento da FCB, mostrando de uma vez por todas que no Brasil também tem FC!

Na próxima edição

Dossiê Space Opera

Cartas eletrônicas dos leitores

Contos

Artigos

Resenhas

Para participar, mande seu material para:

somnium@clfcbr.org